



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TAÍSA HELENA JOCHINSEIN

PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA DOCÊNCIA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ENSINO REMOTO PARA CRIANÇAS
PEQUENAS

CURITIBA

2023

TAÍSA HELENA JOCHINSEIN

PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA DOCÊNCIA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ENSINO REMOTO PARA CRIANÇAS
PEQUENAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação – linha de pesquisa LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane do Rocio Wosniak

CURITIBA
2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Jochinsein, Taisa Helena.

Percepções de profissionais que atuam na docência em Educação Física sobre o ensino remoto para crianças pequenas / Taisa Helena Jochinsein – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profª Drª Cristiane do Rocio Wosniak

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação física – Estudo e ensino. 3. Ensino a distância. 4. Educação de crianças. I. Wosniak, Cristiane do Rocio. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **TAÍSA HELENA JOCHINSEIN** intitulada: **PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ENSINO REMOTO PARA CRIANÇAS PEQUENAS**, sob orientação da Profa. Dra. **CRISTIANE DO ROCIO WOSNIAK**, que após terem inquirido a autora e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa. A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Agosto de 2023.

Assinatura Eletrônica

25/08/2023 10:46:58.0

CRISTIANE DO ROCIO WOSNIAK

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

25/08/2023 13:37:46.0

ALESSANDRA TORRES BITTENCOURT

Avaliador Externo (CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE)

Assinatura Eletrônica

25/08/2023 12:54:45.0

RICARDO JOAO SONODA NUNES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pela oportunidade de descobertas, discussão e construção de conhecimento a partir dos estudos do corpo criança.

Agradeço à minha orientadora Cristiane Wosniak e a todos os professores e professoras da linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs) que acolheram as minhas ideias e minha pesquisa e nos fortaleceram durante o período pandêmico de Covid-19, por meio dos encontros e aulas virtuais, sempre nos incentivando e não nos deixando desistir frente às dificuldades deste período.

Agradeço aos membros de minha banca de Qualificação, pelos apontamentos e considerações e aos membros de minha banca de Defesa Pública, por aceitarem o convite para estarem presentes nesta fase final de todo um percurso acadêmico em nível de pós-graduação.

Agradeço à minha família que sempre acreditou em mim, aos meus amigos e amigas, aos meus alunos e alunas e aos meus gestores, pela paciência constante, pela escuta disponível, por entenderem minhas necessidades e estarem presentes em minha jornada de estudos, pesquisas e docência.

Agradeço a todos os professores e professoras em meu caminho que, de alguma forma, me instigaram e me impulsionaram a continuar fazendo perguntas, sempre.

Agradeço aos professores, sujeitos/participantes desta pesquisa, pois sem eles este estudo não teria sido possível.

Agradeço à Secretaria Municipal de Campo Largo, Paraná, pelo apoio e compreensão de meus esforços no sentido de aprimoramento profissional.

E agradeço principalmente à Deus, que é o Senhor de todas as coisas, e sempre foi meu 'braço direito' em todos os momentos difíceis pelos quais passei durante esta caminhada.

RESUMO

A dissertação intitulada: *Percepções de profissionais que atuam na docência em Educação Física sobre o Ensino Remoto para crianças pequenas*, encontra-se vinculada à linha de pesquisa LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tem como objetivo principal analisar os saberes que nortearam a ação pedagógica de professores de Educação Física com crianças pequenas, durante o período de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, no recorte temporal compreendido entre os anos de 2020 e 2022. O problema de pesquisa encontra-se assentado na seguinte questão: de que forma e com que meios os professores e professoras de Educação Física, no município de Campo Largo, Paraná, se (re)inventaram em suas práticas pedagógicas com crianças pequenas, por meio do ensino remoto mediado por telas virtuais durante o período pandêmico em que o isolamento social se fez regra e norma social? Como ancoragem teórica, o estudo se reportou a autores e autoras como Corsaro (2011), De Paula (2021), Wallon (2007) e Santos (2020) com a finalidade de elucidar alguns aspectos sobre corpo, linguagem e a educação infantil. Para embasar o conteúdo acerca dos saberes docentes foi utilizado o conceito de ‘estratégias de sobrevivência’ presente nos estudos de Charlot (2000, 2013). Para a produção dos dados foram utilizados como instrumentos metodológicos a roda de conversa *on-line* com alguns professores e a entrevista semi-estruturada com os professores formados em Educação Física, que representam a amostra total de indivíduos com essa característica profissional, atuantes na rede de ensino municipal de Campo Largo, especificamente, com Educação Infantil. Para a análise dos dados coletados, foi empregada a análise temática sugerida por Braun e Clark (2006).

Palavras-chave: corpo criança; ensino remoto; pandemia; professores de educação física.

ABSTRACT

The dissertation entitled: Perceptions of professionals who work in Physical Education teaching on Remote Teaching for young children, is linked to the research line LiCorEs – Language, Body and Aesthetics in Education, of the Graduate Program in Education (PPGE) of the Federal University of Paraná (UFPR) and its main objective is to analyze the knowledge that guided the pedagogical action of Physical Education teachers with young children, during the period of social isolation resulting from the COVID-19 pandemic, in the time frame between the years 2020 and 2022. The research problem is based on the following question: in what way and with what means did Physical Education teachers in Campo Largo, Paraná, (re)invent themselves in their pedagogical practices activities with young children, through remote learning education mediated by virtual screens during the pandemic period in which social isolation became a rule and social norm? As a theoretical anchor, the study reported to authors such as Corsaro (2011), De Paula (2021), Wallon (2007) and Santos (2020) to elucidate some aspects about body, language and early childhood education. To base the content about teaching knowledge, the concept of 'survival strategies' present in the studies of Charlot (2000, 2013) was used. For the production of the data, the online conversation wheel with some teachers and the semi-structured interview with the teachers graduated in Physical Education, who represent the total sample of individuals with this professional characteristic, working in the network of municipal education in Campo Largo, specifically, with Early Childhood Education. For the analysis of the collected data, the thematic analysis suggested by Braun and Clark (2006) was used.

Keywords: child body; remote learning; pandemic; physical education teachers.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Sistematização do ensino por metodologias ativas.....	36
FIGURA 2 – Perguntas iniciais do formulário <i>google</i> direcionado aos professores com pretensão de participar da pesquisa	44
FIGURA 3 – Perguntas finais do formulário <i>google</i> direcionado aos professores com pretensão de participar da pesquisa	45

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Quantitativo sobre o tempo de atuação dos professores participantes com o componente curricular de Educação Física.....	46
GRÁFICO 2 – Índice de participantes que atuaram com a Educação Física durante a pandemia	46
GRÁFICO 3 – Aceite e indicação da modalidade de preferência para a participação na entrevista	46

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Sistematização dos estudos sobre Ensino Remoto, Educação Física no período de 2020 a 2022	38
QUADRO 2 – Classificação dos estudos encontrados referente a palavra de busca “Ensino Remoto” e “Educação Física” no período de 2020 a 2022	39
QUADRO 3 – Títulos de trabalhos relevantes em relação a Educação Física, criança e Ensino Remoto no período de 2020 a 2022.....	39
QUADRO 4 – Identificação dos sujeitos da pesquisa	50
QUADRO 5 – Temas e elementos presentes na fala dos profissionais participantes da roda de conversa.....	64
QUADRO 6 – Aspectos avaliativos a serem considerados na esfera educacional....	79
QUADRO 7 – Agrupamento de respostas obtidas através das entrevistas realizadas com os profissionais formados em Educação Física.....	80

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEMAEs – Centros Municipais de Atendimento Especializado

CMEIs – Centros Municipais de Educação Infantil

COVID-19 – *Corona Virus Disease (2019)*, doença do coronavírus (2019)

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

ERE – Ensino Remoto

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LICORES/LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação

NEPIE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil

OMS – Organização Mundial da Saúde

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

RSD – Redes Sociais Digitais

SEED – Secretaria Estadual de Educação do Paraná

SME – Secretaria Municipal de Educação

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNA-SUS – Sistema Universidade Aberta do SUS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CRIANÇA PEQUENA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO	27
2.1 QUEM É A CRIANÇA PEQUENA NO CONTEXTO ESCOLAR?	28
2.2 EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: UM DESAFIO DOCENTE	30
2.3 ENSINO REMOTO E O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	34
3 TRAJETÓRIA DA PESQUISA	41
3.1 QUEM SÃO OS SUJEITOS/PARTICIPANTES DA PESQUISA ?	43
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	48
4 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DE DADOS	52
4.1 RODA DE CONVERSA ON-LINE	53
4.2 ENTREVISTAS	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	93

1. INTRODUÇÃO

A fim de se envolver nesse processo de 'tornar-se', o indivíduo precisa ter um conhecimento realista de si mesmo e ser capaz de refletir objetivamente sobre as próprias capacidades e comportamento.
(LILLARD, 2017)¹

Para tornar-se adulto, conforme a epígrafe, o ser humano passa por vários processos e, essencialmente, dois deles ocorrem de maneira simultânea, sendo um deles rigorosamente biológico e outro consonante ao contexto social e cultural em que o mesmo está inserido. Quando pensamos neste indivíduo, diferenciando-o perante os demais organismos que habitam este planeta, identificamos que ele é o único ser que é submetido à escolarização, de forma gradual e progressiva, com vistas ao desenvolvimento da criança, por meio do seu corpo.

Esses dois vocábulos, corpo e criança, se enlaçam de tal forma que sua representatividade identitária, originalmente despida de contornos assentados e dotada de autenticidade, é irrefutável e expressa muito do que eu vejo, percebo e vivencio enquanto pessoa – pesquisadora que passou pela formação acadêmica em nível de mestrado em um período histórico-social distinto da atualidade –, e também enquanto profissional de Educação Física, atuante na educação formal.

De acordo com Camargo e Garanhani (2022):

a criança é corpo e o corpo é criança nas suas diferentes expressões e comunicações. É o corpo criança que sente, pensa, interpreta, age, se relaciona, vive. E por ser um corpo diferente do corpo adulto ou do corpo idoso, por ter características particulares e por ser menos afetado pelas codificações sociais, é denominado como corpo criança. (CAMARGO; GARANHANI, 2022, p. 6).

¹ Para maiores informações, consultar na íntegra a obra da autora Paula Polk Lillard, “*Método Montessori - uma introdução para pais e professores*” (2017, p. 70).

Isso significa que cada indivíduo, dentro de suas singularidades, é munido de sua corporalidade², que apesar de estar servida de experiências ímpares permanece sendo moldada “pelo contexto social e cultural em que o ator se insere [...]” (LE BRETON, 2012, p. 7). Neste cenário, o corpo é um “[...] vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é constituída [...],” (LE BRETON, 2012, p. 7) ou seja, “[...] antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2012, p. 7).

Este mesmo autor ainda acrescenta que,

qualquer que seja o lugar e a época do nascimento e as condições sociais dos pais, a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir traços físicos particulares de qualquer sociedade humana. [...] Ao nascer, a criança é constituída pela soma infinita de disposições antropológicas que só a imersão no campo simbólico, isto é, a relação com os outros, poderá permitir o desenvolvimento. (LE BRETON, 2012, p. 8).

Isto justifica a minha eminente preocupação em falar sobre a criança e sua relação com o seu corpo em movimento, sendo reflexo do meu processo de humanização e das minhas referências culturais carregadas de sentidos e valores, a partir de uma extensão da minha experiência (LE BRETON, 2012), advinda da graduação em Educação Física e atuação na Educação Infantil e Ensino Fundamental I do ensino público do município de Campo Largo. Atualmente, exerço a função de coordenação pedagógica de Educação Física na Secretaria Municipal de Educação (SME), do referido município.

Neste sentido, ao entender que “a educação nunca é uma atividade puramente intencional [...]” (LE BRETON, 2012, p. 9) e que “[...] o corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos do seu círculo social” (LE BRETON, 2012, p. 9), anseio por entender e contribuir com estudos sobre o corpo, principalmente na infância, com toda completude e complexidade que o envolve.

² De acordo com Oliveira; Oliveira; Vaz (2008, p. 306), a corporalidade pode ser “entendida como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, as quais pretendem possibilitar a comunicação e a interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social e natural. Essas manifestações baseiam-se no diálogo entre diferentes indivíduos, em um contexto social organizado em torno das relações de poder, linguagem e trabalho.”

O desejo de aprofundar os estudos que trazem reflexões sobre corpo na área da Educação, foi o que me fez buscar o Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e também uma segunda licenciatura, em Pedagogia pela Faculdade INTERVALE. Portanto neste presente momento, curso o Mestrado em Educação e sou graduada nas respectivas áreas do conhecimento: Educação Física e Pedagogia. Na minha trajetória pessoal, tive contato com o ambiente escolar desde muito jovem. Filha de pais que são frutos de uma escolarização que perpassou o período da ditadura, marcando uma época em que finalizar os estudos e ter boas notas era um quesito supervalorizado do ponto de vista mercadológico, ou seja, acreditava-se que a função suprema e exclusiva da escola era formar o indivíduo para desempenhar um determinado papel dentro da sociedade capitalista, ou como diz Charlot (2020, p.11), o pensamento de “estudar para ter um bom emprego mais tarde”, que muitas vezes desconsiderava os aspectos mais construtivistas, humanistas e culturais do ensino.

Aos dois anos de idade, ingressei em uma escola particular e após os cinco anos fui matriculada no antigo Pré II de uma escola pública também de Campo Largo, instituição na qual permaneci até a conclusão do ensino médio. Ainda na minha infância, frequentava também a escola onde minha tia/madrinha era diretora. Nas férias escolares, eu ia com ela até a escola e adorava brincar de ser professora. Lembro-me também que quando estava na 4ª série do ensino fundamental eu chegava mais cedo na escola, subia até a sala onde eu estudava e ficava lá sozinha escrevendo no quadro de giz, com a intenção de imitar a professora Sueli dos Anjos, que, muito perspicaz, me permitia ‘brincar de escolinha’, mesmo sendo proibido a entrada de alunos na sala de aula antes do sinal.

Desde pequena as manifestações e vivências de práticas de movimento também foram muito presentes na minha vida. Sempre fui muito ativa e expressiva, participei de aulas de canto, ballet, jazz e futebol, e aos onze anos eu ingressei num projeto social de voleibol. Com o passar dos anos desenvolvi certo talento para o voleibol, o que me levou a participar de várias competições e, o envolvimento com esta modalidade esportiva, me despertou o desejo de cursar a graduação em Educação Física. Este repertório de experiências e para onde elas me conduziram, me faz concordar com Le Breton (2012), quando o autor assevera que:

a aprendizagem das modalidades corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não está limitada à sua infância e continua durante toda a vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência. (LE BRETON, 2012, p. 9).

Na época em que eu estava me preparando para o vestibular, o curso que antes era Licenciatura Plena em Educação Física foi dividido em duas diferentes formações, sendo necessário que eu optasse pela Licenciatura ou Bacharelado, apesar de eu sempre demonstrar a intenção de frequentar ambas as graduações. Como o vestibular para Licenciatura era menos concorrido – ao considerar a relação candidatos/vagas para Licenciatura e Bacharelado – e, naquele tempo, a única possibilidade financeira de eu cursar o ensino superior, seria prestar vestibular para a UFPR por meio da política de cotas para a escola pública, a Licenciatura foi minha decisão.

Durante o período em que cursei a minha primeira graduação, tive várias experiências profissionais tais como projetos sociais, eventos esportivos e fiz parte também de um grupo de pesquisa do programa LICENCIAR³ da UFPR.

Porém, a área de estudos que mais me fascinava, naquela época, era o desenvolvimento motor. Este interesse me levou a realizar um trabalho de conclusão de curso que contribuiu de forma significativa para que, mais tarde, eu compreendesse que “na criança é somente por etapas sucessivas que a função completa do tônus alcança sua completude” (WALLON, 2007, p.130).

Para Wallon (2007), mesmo nas condições habituais, ou seja, cotidianas de nossa existência, ocorre muita diversidade no seio da sociedade e cultura e, portanto, “torna a comparação muito complexa, mas a diferenciação entre o que permanece constante e o que cabe a múltiplas circunstâncias fazer variar também poderia ficar mais claro em função disso” (WALLON, 2007, p. 33). Com base nesses pressupostos teóricos, é possível conceber que o desenvolvimento da criança está atrelado à diversos fatores e, desta forma, não se limita a uma evolução estritamente biológica, pois, como afirma Wallon:

Os primeiros objetivos, perseguidos por si mesmos, que regem de fora a atividade da criança são os modelos que ela imita. Trata-se de uma fonte inesgotável de iniciações, que fazem com que extrapole, por sinal de maneira muitas vezes totalmente formal, o contexto das ocupações a que suas necessidades podem incitá-la diretamente. (WALLON, 2007, p. 142).

³ Este programa é vinculado à Universidade Federal do Paraná desde 1994 “e tem como diretrizes a sólida formação do educador, a reafirmação do Curso de Licenciatura enquanto unidade formadora do docente, a ênfase na integração das Licenciaturas e a observância da função social da UFPR[...]” (UFPR, 2018, p.1). O mesmo tem como objetivo geral “[...] apoiar ações que visem o desenvolvimento de projetos voltados à melhoria e qualidade de ensino nos Cursos de Licenciaturas da UFPR” (UFPR, 2018, p. 1). Disponível em: <http://www.prograd.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2018/03/Roteiro-para-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-projetos-Licenciar.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Assim, torna-se possível afirmar que “o desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio” (PIAGET, *apud* PEREIRA at. al. 1997, p. 29) sendo que essas interações fazem parte do enxergar, sentir e explorar o seu corpo com o movimento, que de acordo com De Paula (2021, p. 9) “é a chave desse corpo que age no mundo” ao instituir-se assim, como ferramenta do existir. Diante de tantos pressupostos teóricos e formas de compreender o corpo, especificamente o corpo criança, ao considerar o papel do adulto na contribuição mútua advinda das relações socioafetivas entre as diversas gerações, assumo como verdade que somos seres resultantes de nossas experiências corporais, portanto, seria impossível não se deixar envolver pela profissão docente.

Então, logo que concluí a licenciatura, em 2009, prestei concurso em Campo Largo⁴ para o cargo de Analista de Esportes, uma ocupação voltada para profissionais de Educação Física com habilitação em Licenciatura. Fui chamada para assumir uma das vagas destinadas à função de ministrar aulas de Educação Física para o nível escolar denominado Pré I e II e também na 1ª a 4ª séries do ensino fundamental⁵. Assim, em 15 de março de 2010, dei início à carreira docente na Escola Municipal Madalena Portella.

Minha caminhada acadêmica e profissional, bem como os conhecimentos a que tive acesso durante estes mais de doze anos de atuação como docente, nunca me fizeram abandonar minha ânsia por conhecimentos, pelo contrário, alimentaram cada vez mais meu desejo de contribuir positivamente para a educação, me instigaram a ter um olhar crítico e me permitiram gerar uma contínua reflexão acerca da prática docente.

⁴ O município de Campo Largo situa-se na região metropolitana de Curitiba, capital do Paraná, tem cerca de 125.000 habitantes e 151 anos de emancipação política. Possui 1.249km² de extensão, que se dividem em 5 distritos e 21 bairros, entre zonas urbana e rural e conta com 56 instituições educacionais, entre CMEIS (Centros Municipais de Educação Infantil), CEMAES (Centros Municipais de Atendimento Especializado), escolas de ensino regular e uma escola de educação especial, ambas mantidas pela Prefeitura Municipal.

⁵ Nomenclaturas que posteriormente foram substituídas por infantil 4 e 5, da Educação Infantil, e 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, respectivamente.

A partir de 2020, o constante exercício de repensar e reavaliar as ações docentes se tornou imprescindível para dar continuidade aos trabalhos pedagógicos executados nas instituições de ensino, principalmente, do setor público. Mas, o período de ensino dos anos de 2020 e 2021, teve como cenário a pandemia do COVID-19⁶, que trouxe várias consequências nefastas à vida humana, em variadas faixas etárias e diferentes e impactantes consequências e transformações drásticas nas maneiras e formas da relação – mediada – na educação escolar. Algumas delas foram bem-vindas e outras nem tanto.

Os estudantes, dentre eles especificamente as crianças, passaram a ser ainda mais ‘protegidos’, e ao mesmo tempo se tornaram mais vulneráveis. O contato físico foi vetado, as interações foram consideradas nocivas e o quadro de giz foi substituído pelo celular e pelo computador. O brincar ganhou outro sentido e, em algumas situações, perdeu seu espaço de importância na vida das crianças.

Em meio a essas contradições, estava o professor, tentando reelaborar suas “estratégias de sobrevivência”⁷ (WOOD, 1990 *apud* CHARLOT, 2013, p. 106) imerso ao caos humanitário, empenhando-se para conseguir, de alguma forma, interagir com esse ‘corpo criança’.

Assim, toda a ação pedagógica focava-se em sobreviver em meio às adversidades impostas pelo momento e perseguir maneiras de ensinar este corpo que é pensamento, sentimento, ação e relação (CAMARGO; GARANHANI, 2022), e que para a criança “assume-se enquanto extensão do seu próprio mundo, onde pele, tato, visão, audição, sentidos, movimentos, fluxos, mundo material e cultural fundem-se e já não é mais possível dizer onde termina um e inicia outro” (PAULA, 2021, p. 9).

Neste contexto, sabemos o quanto o movimento está presente nas práticas educacionais, principalmente, nas aulas dos professores ‘co-regentes’⁸ ou de

⁶ O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. Consultar o site do Instituto Butantã: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>. Acesso em: 29 ago. 2023.

⁷ Charlot (2013, p. 106) explica que, segundo Woods, “o primeiro objetivo do professor [...] é sobreviver, profissional e psicologicamente” e que só depois disso viriam os objetivos relacionados à formação dos alunos. Charlot ainda acrescenta que “quanto mais difíceis as condições de trabalho, mais predominam as estratégias de sobrevivência.” (CHARLOT, 2013, p. 106), e que “quem propõe uma mudança significativa, desestabiliza as estratégias de sobrevivência do professor e este não recusa a mudança, mas reinterpreta na lógica de suas estratégias de sobrevivência.” (CHARLOT, 2013, p. 106).

⁸ O professor co-regente é o mesmo profissional que, antes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ministrava as aulas de Arte e/ou Movimento. Na função de co-regência o professor deve planejar suas atividades de forma a dar continuidade ao trabalho do regente, sem restringir suas

Educação Física, e o quanto a interatividade entre pares é responsável pela prospecção das várias faces do ser humano, que se manifestam por meio de expressões do corpo. Atualmente, por ser integrante da equipe de ensino da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Campo Largo, no Estado do Paraná, busco trazer reflexões acerca das intervenções pedagógicas voltadas às crianças pequenas⁹ durante o período pandêmico.

E, por se tratar de interesse voltado justamente às crianças pequenas⁹, apresento a seguinte questão de pesquisa que norteia a investigação: *quais são as percepções dos professores de Educação Física¹⁰ que atuam com Educação Infantil na rede de ensino municipal de Campo Largo, sobre o corpo criança no Ensino Remoto?*

Logo, a estrutura da presente dissertação se organiza a partir de quatro capítulos, sendo que, no primeiro, apresento-me de forma breve, ao trazer alguns aspectos memoriais da minha vida pessoal, e os correlaciono com a minha trajetória acadêmica e profissional.

O segundo capítulo, contempla uma revisão de literatura e estudos sobre a criança, o professor de Educação Física e o Ensino Remoto durante a pandemia.

No capítulo 3, descrevo de forma detalhada todo o percurso metodológico da pesquisa, e apresento também os sujeitos da mesma, assim como as diferentes etapas desse processo de investigação e os procedimentos/instrumentos utilizados para o estudo.

O capítulo 4 tem o objetivo de descrever, explicar e interpretar os dados empíricos da pesquisa.

No que se refere à formulação do problema de pesquisa e a justificativa para o percurso investigativo, em nível de mestrado, é importante mencionar que a infância é uma passagem temporal que se constitui como um período da vida inerente a todo ser humano que, por muito tempo, vem sendo tratada pelo viés da uniformidade, o que presume uma concepção de indivíduo e de um progresso evolutivo unilateral, que

intervenções às atividades corporais caracterizadas pelo campo de experiência ‘Corpo, gestos e movimentos’, e sim, perpassar também pelos demais campos, de acordo com a proposta de objetivos de aprendizagem para um determinado grupo etário.

⁹ Utilizo este termo, na dissertação, por ser a forma como a BNCC refere-se às crianças de 4 e 5 anos, público atendido exclusivamente pelas escolas.

¹⁰ Utilizo na dissertação o termo “professores de Educação Física” para me referir aos profissionais que atuam com este componente curricular na rede de ensino municipal de Campo Largo – PR, sendo estes formados em Educação Física ou não.

estima a conquista de habilidades cognitivas para atingir um marco da racionalidade adulta (BURMAN, 2018).

De acordo com Nascimento *at. al.* (2011, p. 3) “a falta de uma história da infância e seu registro historiográfico tardio são um indício da incapacidade por parte do adulto de ver a criança em sua perspectiva histórica”.

Naradowski (1993) *apud* Nascimento *at. al.* (2011, p. 3) afirma que a infância é “um fenômeno histórico e não meramente natural, e as características da mesma no ocidente moderno podem ser esquematicamente delineadas a partir da heteronomia, da dependência e da obediência ao adulto em troca de proteção.”

Diante desta fragilidade de estudos e da necessidade de superar esses conceitos tradicionais,¹¹ que até então negligenciaram as crianças, concebendo-as como invisíveis e irrelevantes diante da esfera social, a partir da década de 1990, no Brasil, surgiram várias pesquisas sobre crianças, por interesses políticos, sociais ou pedagógicos, que estabelecem um papel mais ativo para as mesmas, considerando-as como agentes sociais que afetam e são afetados pela sociedade (CORSARO, 2011).

Neste sentido, podemos afirmar que, deste período dos anos 1990 para o século XXI, algumas concepções de infância vêm sendo superadas, a ponto de modificar esta consciência social que não admite a existência autônoma da infância (NASCIMENTO *et al.* 2011, p. 4) e que julgava as crianças como simples sujeitos meramente passivos.

O que se mostra, na atualidade, é o aumento de alguns estudos sociológicos¹², que notam as crianças como seres que estabelecem conexões com o mundo o tempo todo e de maneira transversal,¹³ por intermédio de compreensão não dicotômica de seu corpo, que o separa em corpo e mente e, talvez por isso, argumentos para justificar uma forma educacional que prima pelo desenvolvimento integral¹⁴ do ser humano não sejam raros de se encontrar.

¹¹ Algumas reflexões acerca desses conceitos tradicionais estão presentes no artigo de Silvio Porfirio da Silva, intitulado “*Concepção de infância: o que mudou?*”, publicado em 2014, disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/24/concepccedilatildeo-de-infacircncia-o-que-mudou>. Acesso em: 13 mar. 2022.

¹² Nascimento *at. al.* (2011) fazem uma importante retrospectiva histórica, levantando muitos estudos sobre a construção social do conceito de infância.

¹³ No contexto desta dissertação, utilizo este termo em um paralelo à transversalidade do próprio conhecimento, que corresponde à vida social e coletiva dos indivíduos.

¹⁴ O conceito de desenvolvimento integral no contexto da Educação diz respeito à compreensão de que a educação, enquanto processo formativo, deve atuar pelo desenvolvimento dos indivíduos nas

Segundo Nóbrega (2010, p.47 *apud* CAMPOS *et al.*, 2017, p. 97) “o corpo não é coisa, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora”. Desta maneira, quando nos referimos a outra etapa de vida comum às crianças, representada pela escolarização, se faz necessário olhar com atenção para orientações pedagógicas destinadas à educação da criança pequena, ao assumir como pressuposto que a concepção de corpo criança tende a amplificar o olhar do docente.

A essência do termo corpo criança é muito mais abrangente, pois não fala só do corpo ou só da criança, e sim de algo muito mais excêntrico e próprio da infância, que direciona nossa atenção para o corpo da criança.

Ao que se refere às ações pedagógicas que permeiam a Educação Infantil, esse olhar que parte do conceito de corpo criança, nos permite o cotejamento de diferentes perspectivas educacionais, principalmente, pela questão de que as relações com o próprio corpo e entre o corpo e o meio estão intimamente e explicitamente presentes na construção de infâncias e deveriam ser observadas no fazer pedagógico, especialmente, daqueles profissionais que são especialistas na área de movimento ou que foram incumbidos de trabalhar com atividades correlatas à mesma: os professores de Educação Física.

Ao trazer essa discussão para a contemporaneidade, nos deparamos com uma recente problemática emergente do ano de 2020, quando um novo cenário se configurou nas instituições de ensino do mundo todo, e no Brasil não foi diferente: um contexto pandêmico que trouxe como consequência o modelo de Ensino Remoto (ER) como medida emergencial para atender às demandas educacionais, principalmente, provindas de instituições públicas, e que, em muitas localidades, perdurou até meados de 2021.

Nesta ocasião, passou-se a adotar de forma contingencial a utilização de ferramentas tecnológicas e a elaboração de atividades que pudessem ser realizadas fora do espaço da escola, com o intuito de procurar manter o vínculo com os estudantes e mobilizar diferentes tipos de aprendizagens.

Este modelo, alimentou debates nos âmbitos acadêmico e social em torno das metodologias de ensino utilizadas, bem como o modo como estas atenderam às singularidades e pluralidades da criança, ao levar em conta aspectos correlatos as

vicissitudes, como por exemplo o das crianças pequenas em torno de interações e brincadeiras, que são eixos formativos da Educação Infantil (COZER; JAKIMIU, 2019).

Assim como em outros lugares do Brasil e do mundo, em Campo Largo, no Paraná, também houve muitas dificuldades para implementar o Ensino Remoto, principalmente nos primeiros meses, pela necessidade em adaptar as atividades, que foram disponibilizadas, inicialmente, somente por apostilas elaboradas pelos professores das próprias instituições de ensino.

Nesse sentido, as crianças da Educação Infantil, que, a priori, tinham como objetivo receber este material com o intuito de manter o vínculo com sua instituição de ensino, pareciam não estar sendo atingidas devido à falta de interação entre pares e entre elas e os docentes, e foi, neste cenário, que se organizou a intenção de realizar a pesquisa *Corpo criança no Ensino Remoto: o que falam professores de Educação Física que atuam com Educação Infantil na rede de ensino municipal de Campo Largo*.

Quanto à delimitação e à formulação dos objetivos da pesquisa, cabe mencionar que, dentre tantas realidades diferentes em nosso país, o município de Campo Largo foi a localidade escolhida para o desenvolvimento da pesquisa que apresento, especificamente devido à formação dos indivíduos que compõem o quadro de profissionais do magistério que atuam em escolas do ensino regular, deste contexto educacional, especialmente com os anos finais da Educação Infantil.

Segundo redação da Lei 2028/ 2008 do município de Campo Largo, vigente até os dias de hoje, Cap I, Estruturação da Carreira, Art. 3º § 1º, “O cargo de Professor exige escolarização específica para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental, nas funções de docência e pedagogia, exercidas em estabelecimento de ensino” e § 2º, “O cargo de Professor Educador Infantil exige escolarização específica para atuar na docência da Educação Infantil.”

Portanto, de acordo com o Art. 7º, §3º “O cargo de Professor Educador Infantil exige escolaridade mínima o Nível Médio - Curso de Formação de Docentes, devidamente reconhecido pelo Órgão Competente” (considerado um curso técnico – antigo Magistério), e § 4º “O cargo de Professor exige escolaridade mínima de Nível Médio em Formação de Docentes para o Nível NP1¹⁵ e exige escolaridade mínima em nível superior, para ingresso no Nível NP2”, podendo ser também admitidos

¹⁵ Trata-se aqui de nomenclaturas utilizadas pela rede municipal para referenciar o nível de escolarização do profissional, sendo NP1 - nível médio, NP2 – curso superior, NP3 – especialização e NP4 – mestrado.

profissionais com outras formações, a depender da etapa de ensino para a qual o mesmo tenha se candidatado, visto que de acordo com o Art. 7º § 1º “a carreira do Profissional do Magistério abrange a Educação Infantil, as séries iniciais do Ensino Fundamental, a Educação Especial e a Educação de Jovens e Adultos”.

Porém, como o foco desta investigação são os profissionais atuantes com crianças da faixa etária de 4 e 5 anos, quero destacar que entre estes encontram-se também os Analistas de Esportes, cargo criado em 2009 pela então gestão municipal, com o objetivo de inserir o profissional de Educação Física dentro das instituições de ensino de Campo Largo, para ministrar aulas de Educação Física escolar e/ou Movimento.

No caso destes profissionais, apenas a formação em Licenciatura em Educação Física já era considerada satisfatória para a admissão, não sendo obrigatório ter Magistério de nível médio ou Licenciatura em Pedagogia, pois o cargo foi instituído dentro do quadro administrativo, portanto não pertencente ao plano de carreira do Magistério.

Sendo assim, neste contexto educacional, com relação aos professores das aulas de Educação Física e/ou Movimento, chamadas popularmente dentro da comunidade escolar de aulas especiais,¹⁶ era possível encontrar dois tipos de sujeitos profissionais atuantes com o mesmo componente curricular, que se orientavam pelos mesmos objetivos, os quais eram norteados pela mesma matriz de conteúdos que, a priori, viabilizava um currículo comum, provindos, porém, de uma formação inicial distinta, sendo elas Pedagogia e Educação Física.

Ao que parece, Pedagogia e Educação Física estabelecem entre si um diálogo cheio de entraves e, ao mesmo tempo repleto de correspondências, são pensamentos e percepções alicerçadas em teóricos ora análogos, ora contrastantes que impelem suas ideias por meio do fazer pedagógico de seus aprendentes.

O fato é que, não se pode afirmar que todo esse conhecimento a que se tem acesso em ambas as licenciaturas se traduz de forma autêntica na prática, pois raramente se considera apenas a erudição acadêmica como ponto de partida para subsidiar a docência, ou seja, a mesma se arquiteta e se molda apoiando-se nas construções feitas a começar de si mesmo e de suas vivências.

Alguns autores como Holly (*apud* NOVOA *at al.*, 2007) defendem a ideia de que

¹⁶ As aulas especiais foram assim nomeadas para representar um dia da semana diferente dos demais, no qual as crianças teriam aula com um ou dois professores que não eram o regente. Este professor ou professores seriam responsáveis por ministrar as disciplinas de Educação Física e Arte, para os estudantes do Ensino Fundamental, e Movimento e Arte, para os estudantes da Educação Infantil.

as ações dos indivíduos refletem não somente o que são, mas se originam também das suas experiências compartilhadas com outros seres humanos e situações vividas, pois

Há muitos fatores que influenciam o modo de pensar, de sentir e de actuar dos professores, ao longo do processo de ensino: o que são como pessoas, os seus diferentes contextos biológicos e experienciais, isto é, as suas histórias de vida e os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam. (HOLLY *apud* NÓVOA *at al.* 2007, p. 82).

Sobre os professores, de acordo com Nóvoa (1992) *apud* d'Ávila *at. al.* (2013, p. 53) “a maneira como ensinamos está diretamente relacionada ao que somos como pessoa” portanto, seria impossível separar o eu profissional do pessoal.

Isso demonstra que apesar dessa imersão sociocultural a que estamos sujeitos todos os dias, cada indivíduo pode ter uma percepção única sobre um determinado assunto, influenciada pela sua própria trajetória de vida, a ponto que, mesmo diante de um propósito comum, os indivíduos podem se utilizar de meios distintos para atingir o mesmo fim, ou ainda terem diferentes compreensões deste mesmo intento.

Com a implementação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que aconteceu efetivamente no ano de 2020, algumas mudanças importantes aconteceram na forma de compreender a Educação Infantil.

Dentro do município de Campo Largo uma das propostas iniciais foi a substituição do termo ‘aulas especiais’ por ‘aulas complementares’.

A referida substituição terminológica fez com que a aula de ‘Movimento’ deixasse de ser um adendo pedagógico caracterizado por um momento destinado exclusivamente às atividades corporais.

Neste sentido, as aulas de ‘Movimento’ passaram a se conectar aos demais dias da semana através dos ‘campos de experiência’¹⁷ e da atuação do profissional reconhecido como ‘co-regente’.O trabalho adjunto dos diferentes profissionais atuantes na Educação Infantil, articulado de forma interdisciplinar, veio contribuir para um acervo de experiências distintas, que partiriam de uma nova perspectiva educacional e afiguraram novos olhares sobre a mesma.

¹⁷ Os campos de experiência foram pensados com o intuito de reorganizar o ensino e favorecer o crescimento infantil. São eles: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações. Para maiores informações, consultar o site educamaisbrasil: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/o-que-sao-os-campos-de-experiencia-da-bncc>. Acesso em 22 mar. 2022.

Coloco em destaque aqui o Professor, formado em Pedagogia, habituado a trabalhar apenas com Movimento e agora obrigando-se a adentrar nas demais áreas do conhecimento; e o professor formado em Educação Física, na função de Analista de Esportes, atuando como co-regente, tendo que abarcar os demais campos de experiência dentro das suas intervenções, e se utilizando de seu conhecimento acerca do corpo em movimento.

Ouso dizer que tais percepções também estão vinculadas ao tempo e ao espaço que, fortuitamente, podem ter sido alteradas, por exemplo, por um quadro pandêmico, onde, no mesmo ano em que se implementava a BNCC, a alternativa do Ensino Remoto foi a única opção viável encontrada para prosseguir com os afazeres da educação.

Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar o que falam professores de Educação Física, que atuam com Educação Infantil da rede municipal de Campo Largo sobre o corpo criança no Ensino Remoto. E, com este fim, apresento os seguintes objetivos específicos:

- Identificar como foi o período de Ensino Remoto na visão de professores de Educação Física que atuam com crianças pequenas;
- Pontuar quais foram as estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física para organizar suas aulas e trabalhar o 'corpo criança' no Ensino Remoto.

2 CRIANÇA PEQUENA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Se o homem sempre começou colocando-se a si mesmo em seus objetos de conhecimento, atribuindo a estes uma existência e uma atividade conformes à imagem que tem das suas, o quanto esta tentação não deve ser forte quando se trata de um ser que vem dele e deve tornar-se semelhante a ele - a criança, cujo crescimento ele vigia, guia e a quem muitas vezes lhe parece difícil não atribuir motivos ou sentimentos complementares aos seus.
(WALLON)¹⁸

Diante da perspectiva imagética de educação, a que se refere esta epígrafe, muito se poderia discorrer sobre as relações entre o adulto e a criança pequena, porém as reflexões que permeiam a visão do corpo no âmbito escolar durante o Ensino Remoto ganharão maior destaque, tendo em vista que os principais interlocutores deste estudo serão os professores de Educação Física que atuam com crianças pequenas.

Nas páginas que sucedem essas ideias preliminares, trago uma breve interlocução semântica à respeito de quem é a criança pequena que está presente no ambiente escolar, em constante interação com o mundo, com seus pares e com o professor; sigo para uma contextualização do período de Ensino Remoto, consolidado nos anos de 2020 e 2021, associada à percepção docente, em especial professores de Educação Física, frente aos percalços do momento e às atribuições advindas da implementação de novos documentos norteadores da prática pedagógica; e do corpo criança, imerso em um universo pandêmico incerto, o qual refletiu uma imagem de um corpo que foi casualmente contido, em que até o brincar foi vítima do veto.

Por fim, trago como complemento a caracterização do cenário pandêmico pelo qual a Educação e toda a comunidade escolar foi envolta, certa de que as temáticas aqui desveladas poderão contribuir, tanto para a prática docente como para a comunidade acadêmica.

¹⁸ A citação que configura esta epígrafe foi extraída de uma das obras de Henri Wallon, que tem como título “*A evolução psicológica da criança*” (2007, p. 9).

2.1 QUEM É A CRIANÇA PEQUENA NO CONTEXTO ESCOLAR?

Criança, cri – ança, cria, criar... O sufixo -ança, encontrou o verbo ‘criar’ e, juntos, deram à luz a ‘criança’. O verbo criar vem do latim, da matriz verbal *creāre*, provindo da antiga forma proto-indo-europeia *ker* – crescer ou fazer crescer –, que também está na origem do verbo português ‘crescer’. Este mesmo verbo também deu origem às palavras criatura, criação, cria... esta junção entre o verbo ‘criar’ e o tal sufixo deu origem a um substantivo muito semelhante em castelhano: *crianza*, que tem como significado o processo de ‘criação’ (NEVES, 2020).¹⁹

Ser criança significa pertencer a uma categoria social chamada infância, que se constitui como uma passagem temporal marcada por um período da vida próprio do ser humano, em que a mesma forma sua identidade e caráter, por meio das descobertas de si e do mundo, desenvolvendo-se integralmente pelas experiências e brincadeiras vividas através do seu ‘corpo’ (MELO *et al.*, 2013).

A palavra ‘corpo’, por sua vez, origina-se do latim *corpus* e expressa um conjunto de sistemas orgânicos que constituem um ser vivo, dado como uma porção da matéria que possui massa e ocupa lugar no espaço, ou constituinte de um grupo/ conjunto de indivíduos que fazem alusão a uma corporação (2019).²⁰

Ao refletirmos sobre o corpo, convém trazer as contribuições de Le Breton (2012), para o qual

as representações tentam identificar o corpo, determinar as ligações com o ator que personifica (relações alma-corpo-espírito, psique-soma, etc.), distinguir as partes que o compõem e as funções recíprocas, isto é, a fisiologia simbólica que as estruturam e que tenta, por fim, dar nome aos constituintes e às suas ligações com o meio social, cultural e cósmico. (LE BRETON, 2012, p. 62).

Nesta esteira de raciocínio de Le Breton, Zoboli *et al.* também se pronunciam, visto que, para os autores, “o corpo é o meio pelo qual nos utilizamos para experimentar o mundo, para existir no mundo” (ZOBOLI *et al.*, 2013, p. 4).

Para a criança, o significado da experiência constitui a consistência de suas primeiras referências sobre o mundo, pois se apropria de elementos do meio. Por

¹⁹ Tais constatações foram extraídas a partir da busca efetuada no site [certaspalavras](https://certaspalavras.pt/qual-e-a-origem-da-palavra-crianca), disponível em: <https://certaspalavras.pt/qual-e-a-origem-da-palavra-crianca>. Acesso em: 30 jun. 2022.

²⁰ O conceito de corpo, aqui atribuído, pode ser consultado em: <https://conceito.de/corpo>. Acesso em: 24 jun. 2022.

isso, em seus corpos, movimentos, pensamentos, palavras e silêncios, fervilham emoções, sentimentos, marcas que produzem sentidos, por vezes, imensuráveis ou intransponíveis.

Sendo assim, de acordo com Pereira et al (1997), pressupõe-se que o acesso ao conhecimento na infância não se dá de forma abstrata, ou seja, a criança precisa vivenciar concretamente e ter acesso a elementos que a ajudem a construir noções e compreender o mundo, por meio dos seus diversos tipos de linguagem, inclusive a corporal, que na maioria das vezes se traduzem em movimentos.

De acordo com Pereira *et. al.* (1997)

os estudos provenientes da psicologia têm dado contribuições bastante relevantes que nos permitem conhecer o desenvolvimento infantil nas diferentes áreas (sensório-motora, sócio-afetiva, simbólica e cognitiva) e nos permitem, também compreender de que forma as crianças constroem o seu conhecimento. Essas informações são especialmente importantes, pois delas derivam subsídios fundamentais para a prática pedagógica nos diferentes níveis de escolaridade, na medida em que podem orientar os professores sobre o que as crianças são capazes de descobrir e aprender a cada momento e sobre como aprendem. (PEREIRA et al., 1997, p. 20).

Deste modo, para que nós profissionais da Educação, seja qual for a instância, possamos nos 'aconchegar' mais a essas linguagens devemos permitir que as crianças pequenas se expressem. Tudo o que elas pensam, imaginam, realizam ou silenciam está no seu corpo e, por meio dele, externalizam todo o conjunto de competências que são capazes de dominar até aquele momento.

Posto isto, pela nossa experiência enquanto docente, podemos afirmar que a criança não se locomove tão somente com os pés, mas com o corpo inteiro. Nós constantemente cometemos o erro de tentar encaixar a criança no nosso mundo adulto, mas devemos sair dessa centralidade que está incutida também na nossa corporalidade, ou seja, no modo como nos referimos, no tom como falamos e na forma como tocamos a criança.

Diante das múltiplas instâncias que permeiam o ser e o existir de crianças pequenas, nunca foi tão necessário frisar a pluralidade de infâncias e a necessidade de olhar atentamente para elas com a preocupação de quem está realmente interessado em ouvi-las, pois é sabido e evidenciado, até mesmo por senso comum,

que entre tantos objetivos a serem atingidos, todas as ações pedagógicas que se originam no ambiente educacional estão voltadas para a aprendizagem.

Nesta lógica de raciocínio, segundo Charlot (2010) pode-se assentir que a aprendizagem ocorre de maneira particular, e emerge a partir de diversos tipos de experiência.

Há coisas que só se pode aprender na escola e, portanto, não se deve menosprezar esta instituição. Mas também se aprendem muitas coisas importantes fora da escola [...]. O ser humano nasce incompleto, como explicam autores tão diferentes quanto Kant, Marx, Vygotsky ou Lacan. Mas ele nasce em um mundo humano, que lhe proporciona um patrimônio. Ao se apropriar desse patrimônio, pela educação, a cria do homem torna-se humana. Em outras palavras, o que caracteriza o ser humano não fica dentro de cada indivíduo. (CHARLOT *apud* REGO; BRUNO, 2010, p. 151).

Por mais que saibamos que as crianças já nascem ancoradas à uma determinada cultura, a experiência humana se impõe nas condições que lhe são criadas por mais socializados que sejamos, pois sempre subsiste um espaço em aberto ou vazio. Contudo, o modo pelo qual ela interpreta o mundo depende dos sistemas culturais que vivencia (LE BRETON, 2020).

Além da cultura, situar a individualidade da criança no tempo e no espaço faz com que entendamos e percebamos do que a pessoa precisa, dado que as diferentes gerações e unidades geracionais possuem características próprias (LE BRETON, 2020) e o posicionamento do educador precisa abarcar todas essas facetas, para dar conta de oferecer um bom repertório de conhecimento e apropriações.

2.2 EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: UM DESAFIO DOCENTE

Quarta-feira, 11 de março de 2020, 115 dias após o primeiro caso de infecção registrado no mundo (EXAME, 2021), Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declara que a referida entidade “elevou o estado da contaminação à pandemia²¹ de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2)” (UNA-SUS, 2020, s/p.).

²¹ A denominação ou classificação de uma pandemia (do grego *πανδημιος* ‘de todo o povo’) é surto abrangente de doença infecciosa que se espalha entre a população localizada numa grande região geográfica como, por exemplo, toda a extensão do planeta Terra. Para maiores informações, consultar o site da Fiocruz, disponível em: [30](https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20pe, Acesso em: 28 jun. 2022.</p></div><div data-bbox=)

Segundo a notícia divulgada no site do Sistema Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS), a mudança de classificação que obrigou os países a tomarem atitudes preventivas não foi – ao menos naquele momento - decorrente da gravidade da doença, e sim à fugacidade de sua disseminação geográfica, alastrando-se em uma escala de tempo vertiginosa, causando muita apreensão e inquietação com os níveis alarmantes de contaminação.

Muitos (críticos e leigos), colocaram a culpa na globalização, porém Harari (2021) nos lembra que houve outras epidemias – peste negra (século XVI), varíola (1920) e gripe (1918) - que mataram milhões, inclusive, tendo ocorrido bem antes “da atual era” tecnológica (HARARI, 2021, p. 13). Ainda assim, uma situação pandêmica sempre vem acompanhada de um sentimento de apavoramento e incerteza.

De acordo com Santos (2020, s/p.), “o sentido literal da pandemia do novo coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso.” Junto a um presságio de colapso sanitário, a humanidade foi refém de uma avalanche de crises que cingem os ramos político, social, econômico e até mesmo educacional.

No Brasil, por exemplo, observamos um grande contraste socioeconômico que precede a quarentena imposta pela pandemia, e se exacerbou com ela, fato este que impactou diretamente nas tomadas de decisões provenientes das várias instâncias que gerenciam o país e seus ministérios, estando a Educação (o acesso às instituições de ensino foi impedido), juntamente da Saúde (colapso do sistema público de saúde) e Economia (muitas empresas fecharam as portas ou aderiram ao corte de custos e muitos brasileiros ficaram sem renda), entre os pilares que mais foram afetados do ponto de vista social.

Esta realidade, que decorre de uma experiência compartilhada de forma global, trouxe consigo a impossibilidade de viver e interagir com outros sujeitos em um ambiente comum entre estudantes e professores: a escola. Nesta esfera, estabeleceu-se uma relação bidirecional na qual o aluno depende do professor e este também depende do aluno (CHARLOT, 2013, p. 107). Mas, o que ocorre quando não se tem mais esse espaço constituído de forma concreta?

Diante desta problemática, organizações responsáveis por garantir o direito à escolarização se mobilizaram para encontrar uma alternativa viável e aplicável dentro dos diferentes contextos e realidades municipais, a fim de minimizar os prejuízos causados pela necessidade de reclusão.

Portanto, a partir de março de 2020 optou-se pela adesão ao modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), por meio do qual os professores preparariam uma espécie de material impresso, chamado de “apostilas” ou “kits”, que posteriormente, na maioria das cidades e também na rede de ensino municipal de Campo Largo - PR foram sendo substituídos por vídeos e áudios disponibilizados através do aplicativo de mensagens instantâneas *whats app*, quando a família possuía acesso a sinal de internet.

Para aqueles cuja a tecnologia era uma barreira, as escolas se organizaram de forma que os pais ou responsáveis legais ainda pudessem retirar as apostilas na instituição para devolver em data combinada, com as atividades realizadas, a fim de obter uma devolutiva que serviria de base para o preenchimento do registro de frequência e para a tentativa de compor parte da avaliação do estudante, registradas pela professora.

Essa condição veio para fomentar ainda mais a inserção dos chamados imigrantes digitais²² na era dos nativos digitais ao transformar a sociedade como um todo em imigrantes digitais imersos²³ e nativos digitais imersos, quando obrigou à todos ter que recorrer às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e Redes Sociais Digitais (RSD).

O que se pode proclamar é que toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada e, apesar do percurso já construído antes da pandemia, uma nova forma de ensinar se arquitetou no caminhar por entre os dias que vieram a seguir, catalogada em uma pedagogia reescrita e assegurada em uma aposta metodológica de reclusão.

²² Estes termos, cunhados por Marc Prensky, foram utilizados para descrever duas gerações de indivíduos. A primeira geração, constituída por indivíduos que nasceram antes da potencialização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e da Internet, cresceram em uma época na qual a pesquisa era feita em bibliotecas, enciclopédias, e não em sites de busca como o Google; viviam sob o efeito da era analógica, do telefone discado, do quadro negro e quando computadores eram apetrechos de filmes de ficção científica. Estes indivíduos foram denominados por Marc Prensky como Imigrantes Digitais. A segunda, que Marc Prensky denominou de Nativos Digitais, é formada pelos que não conseguem imaginar o mundo sem as tecnologias, uma vez que, quando vieram ao mundo, o computador, o celular e a internet já faziam parte da realidade global (SOUZA, 2013, p. 15).

²³ Os conceitos de imigrantes digitais imersos e nativos digitais imersos foram trazidos por Souza (2013, p. 120), com a intenção de complementar os termos de Marc Prensky (2001), ao colocar que esta classificação não pode se resumir apenas à época em que o indivíduo nasce e sim tem a ver com o quanto o mesmo se apropriou da tecnologia e para que fins. Portanto, o autor admite que Nativos digitais imersos “se comportam de maneira a criar e vivenciar novos recursos tecnológicos e tendências sem receios ou restrições. Utilizam as tecnologias e redes sociais a seu favor, a fim de agilizar processos e buscarem novas formas de aprender e compartilhar informações.” E Imigrantes digitais imersos são “indivíduos que nasceram antes da era da internet e tiveram que se adaptar as tecnologias. Realizam o uso frequente das TIC e RSD”, diferenciando-os dos não imersos que seriam os indivíduos que independentemente da época que nasceram, quase não utilizam as TIC ou RSD.

É admissível que algumas mudanças organizacionais e pedagógicas, são muitas vezes dolorosas e implicam variados desafios relacionados à adaptação, às alterações estruturais, de flexibilidade de pensamentos, atitudes, e frente a um momento decisivo – como a suspensão das atividades presenciais físicas, por todo o mundo e especificamente no contexto escolar –, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade *online*, como atestam Moreira e Schlemmer (2020) “transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido apelidado de ensino remoto de emergência.” O que se delineava em breves lampejos de uso de artefatos de mediação tecnológica (telas e sinal de internet) tornou-se, desde a pandemia, uma realidade possível de concretizar devido a esta migração forçada.

Proponho, então, pensar e analisar este grande período de isolamento e abstenção social a partir da perspectiva daquelas que estão na base desta pirâmide etária e sujeitas a todos os tipos e formas de dominação: as crianças pequenas.

Este cenário provocado pela pandemia do coronavírus colocou em evidência as desigualdades sociais, ao situar todos os países sincronicamente no mesmo pleito. Milhares de crianças das mais variadas condições socioeconômicas que agora precisavam do papel, da internet, dos meios tecnológicos e, principalmente, do professor se viram numa situação imperativa, em que os pais se tornaram seus professores, porém nem sempre em condições de auxiliarem seus filhos.

Para fomentar esta análise da percepção da criança, se faz necessário considerar, também, as suas expectativas no desfrutar de sua infância e as mudanças sociais, afetivas e comportamentais que se impõem depois de um longo tempo de submissão, vivendo arbitrariamente em favor de medidas tão restritivas à sua corporalidade que permearam, até mesmo, o ambiente da educação.

Neste período uma lacuna socioafetiva se instaurou de tal modo que, no ano de 2022, as escolas receberam em seus portões uma criança incomum: fragilizada afetiva e emocionalmente, por vezes mais agitada que o de costume e imatura do ponto de vista da ambientação social e escolar. Porém, mesmo diante de uma postura, de certa forma, mais vulnerável da criança, para a comunidade escolar este retorno foi considerado um privilégio devido à possibilidade de restabelecer interações que, deste momento em diante, serviriam como ponto de partida para os profissionais da Educação Infantil, à busca de ampliação do repertório dos estudantes.

Diante de tantos aspectos que sofreram interferências deste tempo nefasto, foi preciso respeitar a intimidade e privacidade dos estudantes, de maneira que o

comportamento das crianças não fosse equiparado, pois cada uma traz consigo indícios de sua forma de estar no mundo e revela muito de si e de suas experiências, ao compor o que ousou denominar de uma linguagem ou marca própria.

A partir disso, o ideal seria favorecer que a criança complexifique as relações, ao estabelecer novas conexões, em um ambiente atrativo.

A escola deve acompanhar como as crianças estão se constituindo como sujeitos por meio da escuta sensível,²⁴ perceber o sentido de fazer o que se faz enquanto estas vão se adensando da experiência de lidar com sensações que, às vezes, nem mesmo nós sabemos traduzir. Neste cenário, alguns elementos didáticos oportunizados são importantes para fazer com que as crianças tenham a condição de se expressar corporalmente.

Portanto, dentre tantas alternâncias no constante processo de reaprender a ensinar, acredito que o maior desafio para o professor foi deixar a si mesmo de lado por alguns instantes, e trazer para o seu planejamento a compreensão que as próprias crianças pequenas têm do mundo, observando-as nas relações estabelecidas com outros seres e elementos que elas convivem.

Ao pensarmos em intervenções significativas para as crianças pequenas, devemos nos perguntar se o que foi proposto durante o Ensino Remoto correspondeu de fato ao que as crianças precisam ou foi baseado em um formato de ingerência confortável para o professor? Respondeu às necessidades docentes ou das crianças? Fica uma relevante questão para refletirmos.

2.3 ENSINO REMOTO E O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A adoção emergencial de um modelo de ensino não presencial, como pudemos acompanhar pela mídia televisiva diariamente, tornou-se a realidade da maioria das escolas públicas do país e do Paraná por um longo período (2020 e 2021), devido à pandemia do coronavírus, trouxe várias consequências para os estudantes, dentre elas ameaçar a garantia dos direitos de aprendizagem assegurados pelas políticas educacionais.

²⁴ Emprego este termo aqui como uma espécie de escuta ou modo de tomar consciência e de interferir próprio do pesquisador ou educador que adote essa lógica de abordagem transversal (BARBIER, 1998, *apud* CANCHERINI, p. 6), que também significa “saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro, para compreender as atitudes, os comportamentos, os sistemas de ideias, de valores, de símbolos, de mitos” (CANCHERINI, p. 6), ou seja, compreender a existência sensível interna. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/49.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Neste cenário, tivemos também uma vigorosa presença dos meios tecnológicos. Isto ficou muito evidente desde a forma como nos relacionamos com os mesmos na nossa existência humana, em um mundo revolucionado pela substituição do concreto pelo digital que chega ao plano institucional, como na metamorfose disruptiva do sistema educacional, que contempla tanto a educação básica como os outros modelos de ensino-aprendizagem (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020), e que de maneira singular pode ser muito bem traduzida pelo Ensino Remoto.

A distância física entre as pessoas trouxe como alternativa a subordinação e apelação aos recursos digitais, que representaria uma mudança implacável na realidade escolar e da sociedade como um todo, ao mobilizar todo um coletivo rumo ao que Souza (2013) chamou de imigrantes e nativos digitais imersos, como anteriormente mencionado.

Sobre este assunto, Moreira e Schlemmer (2020) assentem que

[...] a evolução das tecnologias digitais e das redes de comunicação também digitais propiciaram o surgimento de uma sociedade reticular marcada pela conectividade entre diferentes entidades, o que tem provocado mudanças acentuadas na economia e no mercado de trabalho, impulsionando o nascimento de novos paradigmas, modelos, processos de comunicação educacional e novos cenários de ensino e de aprendizagem. No entanto, não se imaginava, nem mesmo os professores que já adotavam ambientes online nas suas práticas, que seria necessária uma mudança tão rápida e emergencial [...]. (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 2).

Ciente de que não é de hoje que os professores utilizam tecnologias digitais e que, diante dos grandes avanços tecnológicos, foi concebível dilatar os poderes sensoriais do homem (CHAVES, 1999), existe uma lacuna deixada pela ausência das interações presentes no ambiente escolar, a qual se refere especialmente à criança.

Ainda que as crianças tenham reinventado seus modos de permanecer na escola é importante considerar que uma prática escolar eficiente deve contemplar a ação do corpo criança, envolvendo plenamente seu interesse e participação (CAMARGO; GARRANHANI, 2022). Todavia, em uma realidade de ERE, julgo relevante pensar sobre o posicionamento docente frente ao corpo criança e a promoção da Educação em nossas instituições escolares. Algo que devemos considerar é que muito provavelmente as crianças em idade escolar no período da pandemia, viverão uma infância muito peculiar, devido a essa experiência incomum e tão avessa ao modelo de escola que culturalmente conhecemos.

Um período que se concretizará com ações e comportamentos muito singulares, podendo ser apontado como um momento emblemático, responsável pelo rompimento de alguns padrões que proporcionarão futuramente um avanço em termos do que chamamos de metodologias ativas, as quais podem ser visualizadas na FIGURA 1.

FIGURA 1 - A sistematização do ensino por metodologias ativas



Fonte: ESKADA | Cursos Abertos da UEMA. Curso de Metodologias Ativas na Educação. Livro 1²⁵

As metodologias ativas, representadas por meio de um entrelaçamento de conceitos que a FIGURA 1 nos destaca, tem como sua aliada a tecnologia e baseia-se em um ensino em que o estudante “é o protagonista central, enquanto os professores são mediadores ou facilitadores do processo” (LOVATO *at. al.*, 2018, p. 157). Esse tipo de conduta torna os estudantes responsáveis pela própria aprendizagem, exigindo interação com o assunto estudado, ou seja, “mais do que simples decoração ou solução mecânica de exercícios” (LOVATO *at. al.*, 2018, p. 158), e sugere também uma proposta de aprendizagem ‘colaborativa e cooperativa’ (TORRES; IRALA, 2007 *apud* LOVATO *at. al.*, 2018).

²⁵ Para maiores informações sobre Metodologias Ativas na Educação, consultar o site: <https://eskadauema.com/mod/book/tool/print/index.php?id=2685>. Acesso em: 12 nov. 2022.

Perante essas elucidações e observações, considerei necessário verificar o que tem sido publicado acerca do Ensino Remoto, ao acreditar que a visão de um professor de Educação Física, enquanto sujeito que discute metodologias voltadas para questões relacionadas à corporalidade, poderia contribuir com a Educação Infantil.

Neste cenário de considerações realizei um levantamento de estudos sobre a Educação Física no ERE e optei por delimitar o período de publicações, tomando como base o intervalo de tempo em que as instituições foram submetidas ao modelo de ERE, sendo o recorte temporal compreendido entre 2020 e 2022.

Iniciei a busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES²⁶, com o descritor “Ensino Remoto”, indiquei como área de concentração a “Educação” e encontrei 57 pesquisas, sendo: 2 estudos do ano de 2020, 47 estudos do ano 2021 e 8 estudos do ano de 2022.

Em seguida, procurei por publicações sobre o “Ensino Remoto e a Educação Física”, e não encontrei nenhum resultado. Não satisfeita, acrescentei “Ensino Remoto e professor de Educação Física”, e novamente não obtive sucesso. Tentei inverter os termos, colocando como descritores “Educação Física no Ensino Remoto”, e nenhum trabalho apareceu.

Então digitei “Ensino Remoto” e “Educação Física”, aparecendo assim 141 publicações, todas de 2020. Utilizei como filtros a área de conhecimento “Educação Física” e área de concentração a “Educação Física Escolar”, sendo todos os estudos do mestrado profissional. Ao mudar o foco para o descritor “criança”, busquei por “criança” e “Ensino Remoto”, selecionei também a área do conhecimento como “Educação Física” e área de concentração “Educação Física Escolar”, e a busca resultou em 93 estudos, todos de 2020, do mestrado profissional.

Apesar de ser um tema que ficou muito em evidência durante o auge da pandemia, pode-se afirmar que a quantidade de estudos sobre o ERE, principalmente relacionados à Educação Física, até o momento foram poucos, assim como é possível observar no QUADRO 1.

²⁶ Para maiores informações ver o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES/MEC, disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 01 de mar. 2022.

QUADRO 1 - Sistematização dos estudos sobre Ensino Remoto, Educação Física no período de 2020 a 2022

PALAVRA DE BUSCA	REFINAMENTO POR ÁREA DO CONHECIMENTO	REFINAMENTO POR ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	Nº DE ESTUDOS ENCONTRADOS
“Ensino remoto”		Educação	57
“Ensino remoto e Educação Física”			-
“Ensino remoto e o professor de Educação Física”			-
“Educação Física no ensino remoto”			-
“Ensino remoto” e “Educação Física”	Educação Física	Educação Física escolar	141
“Criança” e “Ensino Remoto”	Educação Física	Educação Física escolar	93

Fonte: A autora, 2022.

Mediante a busca realizada, decidi me debruçar sobre os estudos da área de conhecimento “Educação Física”, e trazer também aqueles que mencionavam o termo “criança”, por de início aparentarem abordar uma temática que pudesse ser correlacionada com a presente pesquisa. Entre os estudos com a palavra de busca “Ensino remoto” e “Educação Física”, eu pude selecionar apenas alguns que se referiam de alguma forma à Educação Infantil e a Educação Física, como mostra o QUADRO 2.

QUADRO 2 - Classificação dos estudos encontrados referente a palavra de busca “Ensino Remoto” e “Educação Física” no período de 2020 a 2022

CATEGORIA	Nº DE ESTUDOS
Educação Infantil	15
Ensino Fundamental I	21
Ensino Fundamental II	44
Ensino Médio	15
Comunidade Escolar e Docente	31
Comunidade Acadêmica	16

Fonte: A autora, 2022.

Quando utilizada a palavra de busca “criança” e “Ensino Remoto”, cerca de 95% dos estudos encontrados foram os mesmos referidos na palavra de busca “Ensino remoto” e “Educação Física”. Ainda que tenha sido possível encontrar alguns estudos voltados à temática da Educação Infantil, a perspectiva do professor de Educação Física nesta etapa da educação básica e o uso de tecnologias digitais, apenas os títulos presentes do QUADRO 3 apresentaram-se relevantes para a pesquisa.

QUADRO 3 - Títulos de trabalhos relevantes em relação a Educação Física, criança e Ensino Remoto no período de 2020 a 2022

TÍTULO	AUTOR
Tecnologias digitais na educação física: o celular enquanto instrumento de ensino e aprendizagem.	OLIVEIRA, FABIO SOUZA DE.
Conteúdos presentes nos discursos de professores de educação física de Ipojuca/PE acerca de suas práticas	CAMPOS, TULIO MAGNO DA SILVA

pedagógicas: uma análise das concepções de corpo e de metodologia de ensino	
Tecnologias digitais na educação em tempos de algoritmos: Formação, intervenção e reflexão na Educação Física Escolar	FERREIRA, CELSO LUIS CURY.
A Educação Física na educação infantil: um foco na autonomia das crianças a partir das práticas corporais.	MARTINELLI, HALINE KRONBAUER
Educação física na educação infantil: uma proposta de planejamento na perspectiva do movimento humano	GONCALVES, MARA SIMONE DE OLIVEIRA
Planejamento em Educação Física Escolar: Perspectivas X Realidade	DEZOTTI, TALITA CRISTIANE DARDES
Papel do professor de Educação Física no desenvolvimento motor de escolares da Educação Infantil	SUZINI, ESTEVAN ROCHA
Educação Física na Educação Infantil: por uma rotina em prol da promoção das experiências de movimento corporal das crianças no CMEI	LUCINDO, JULYEVERSON DA SILVA

Fonte: A autora, 2022.

Por mais que tenha sido possível verificar algum grau de proximidade das pesquisas do QUADRO 3, nenhuma delas apresentou alguma correspondência direta com o tema desta pesquisa, pois abordam temas relacionados à Educação Física, trazendo como discussão as tecnologias digitais e/ou crianças pequenas, mas a maioria, fora de um contexto de Ensino Remoto. Dentre os trabalhos citados no QUADRO 3, somente a pesquisa de Ferreira (2020), intitulada “*Tecnologias digitais na educação em tempos de algoritmos: Formação, intervenção e reflexão na Educação Física Escolar*”, faz menção à pandemia, trazendo uma reflexão sobre a importância das aulas de Educação Física dentro da escola e suas muitas contribuições à saúde, especialmente neste período.

3 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O presente projeto consiste em um estudo de caso, conforme sugerido por Fazenda; Tavares e Godoy (2015, p. 78), visto que se dedica ao estudo descritivo e profundo de um caso, um evento, um acontecimento e, ao ter como pressupostos metodológicos: “alcançar uma visão detalhada, complexa e holística” desse evento (FAZENDA; TAVARES; GODOY, 2015, p. 62). O estudo de caso, aqui em pauta, se refere à realidade de um determinado contexto, por meio de um diálogo que retrata a experiência de professores de Educação Física, que atuam no município de Campo Largo com crianças pequenas de 4 e 5 anos oriundas do ensino público.

Portanto, este modelo de pesquisa é rico em dados descritivos que “encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola” (LUDKE e ANDRÉ, 2022, p. 27).

De acordo com Ludke e André (2022, p. 20) “o estudo de caso é o estudo de **um** caso” que possui “contornos claramente definidos no desenrolar do estudo [...], podendo até ser “[...] similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular” (LUDKE; ANDRÉ, 2022, p. 20, grifo das autoras).

São princípios de estudos desta natureza: a descoberta, interpretação em contexto, retratar a realidade de forma completa e profunda, usar uma variedade de fontes de informação, revelar experiências vicárias e permitir generalizações naturalísticas, representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social e utilizar uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 2022).

O desenvolvimento deste trabalho deu-se por meio de algumas etapas que determinam a característica do estudo, consolidando-se inicialmente por meio de uma fase exploratória, trazendo alguns dilemas que emergiram do período de escolarização norteado pelo modelo de ERE, advindos de observações que realizei e de depoimentos informais de profissionais da educação com os quais eu tive contato durante a minha atuação profissional na função de coordenadora pedagógica de Educação Física. Observações e depoimentos que revelavam indagações a respeito do papel da Educação Física e da sua relação com os saberes e a corporalidade infantil durante este período, que aos poucos foram sendo melhor elucidados, remodelados e/ ou suprimidos, conforme seu grau de relevância. (LUDKE; ANDRÉ, 2022).

Este roteiro prévio faz-se necessário abordar pois,

[...] dentro da própria concepção de estudo de caso que pretende não partir de uma visão predeterminada da realidade, mas apreender os aspectos ricos e imprevistos que envolvem determinada situação, a fase exploratória se coloca como fundamental para uma definição mais precisa do objeto de estudo. É o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias para o estudo. Essa visão de abertura para a realidade tentando captá-la como ela é realmente, e não como quereria que fosse, deve existir não só nessa fase, mas no decorrer de todo o trabalho, já que a finalidade do estudo de caso é retratar uma unidade de ação. (LUDKE; ANDRÉ, 2022, p. 25).

Uma vez definido o tema do estudo e selecionado o campo de pesquisa, foi possível escolher os participantes e os instrumentos conforme objeto a ser estudado, tendo claro que mesmo definindo um foco principal para a pesquisa, nunca conseguiremos explorar suas dimensões em totalidade, tendo em vista o tempo disponível para analisar as diferentes instâncias que permeiam as discussões e interfaces pedagógicas.

A investigação se deu em dois momentos distintos, por meio de roda de conversa *on-line*, com inspiração na técnica de grupo focal que tem como finalidade proporcionar um ambiente interacional entre os partícipes, em razão de que há um interesse em compreender, não somente o que estes pensam a respeito das crianças e das aulas de Educação Física, mas também o que presumem sobre si mesmos.

De acordo com Gatti (2012), a técnica do grupo focal

permite compreender processos de construção de realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se de uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham algum traço em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão das ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros. (GATTI, 2012, p. 11).

Desta maneira, buscou-se produzir dados a partir da fala de seis (06) professores atuantes no município de Campo Largo e que se enquadram no perfil estimado para o estudo, com perguntas acerca da criança pequena nas aulas no período de ERE, por meio de uma compreensão interdisciplinar do corpo criança,

abordando os sujeitos de forma que os mesmos se sentissem à vontade para partilhar suas ideias mediante os equipamentos de registro audiovisual.

3.1 QUEM SÃO OS SUJEITOS /PARTICIPANTES DA PESQUISA?

Os profissionais selecionados para participar deste estudo são servidores públicos da rede municipal de ensino de Campo Largo, no Paraná, cidade da região metropolitana de Curitiba, que segue as diretrizes curriculares da Secretaria Estadual de Educação e Esporte do Paraná (SEED) e que admite tanto profissionais unidocentes como especialistas para ministrar aulas de Educação Física (PARANÁ, 2019) dentro das instituições do ensino regular que compreendem as turmas do infantil 4, da Educação Infantil, ao 5º ano, do ensino fundamental.

Sendo assim, o público alvo desta pesquisa consiste em professores que atuam com Educação Física no contexto supracitado, mais especificamente os que exercem suas atribuições também nas turmas de educação infantil, ou seja, atendem crianças pequenas.

Tendo como base a definição do perfil dos sujeitos da pesquisa, o próximo passo foi fazer um levantamento prévio por meio da coleta de respostas referentes a um instrumento exploratório caracterizado por um formulário *google* disponibilizado pelo aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, no grupo formado pelos professores de Educação Física de Campo Largo que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais.

Para chegar à amostra de seis (06) professores, entre os mais de setenta (70) profissionais que desempenham esta função nas instituições públicas de ensino do município, nas modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação Especial, como critérios de exclusão foi considerada, em um primeiro momento, a própria disposição em acessar e responder o formulário para participar da pesquisa.

Visto que não foi elaborado nenhum instrumento para levantar hipóteses com relação aos critérios de abstenção na participação, dentro de um grupo com uma quantidade expressiva de profissionais, a baixa adesão dos mesmos pode ser justificada empiricamente por alguns fatores, como:

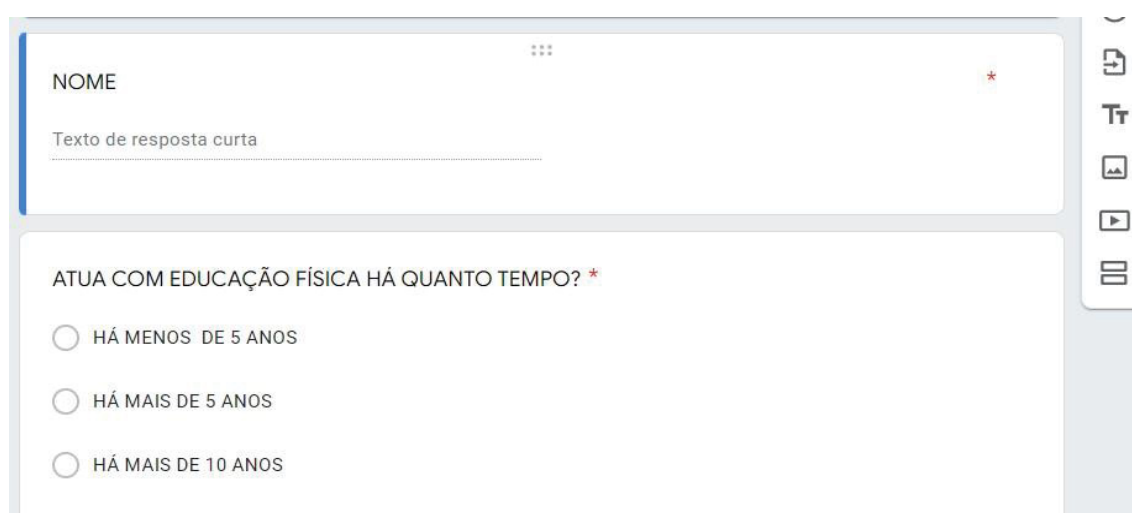
- a indisponibilidade pessoal ou profissional em querer participar da pesquisa, cuja algumas etapas previstas já haviam sido mencionadas no formulário disponibilizado aos professores;

- o desinteresse em desejar fazer parte do estudo, devido ao tempo despendido para o envolvimento com o mesmo que, em determinado momento, comprometeria algumas horas do seu dia;

- ou a falta de afinidade com o tema de pesquisa, que pode ter despertado um sentimento de irrelevância para a esfera educacional em que atuam, no caso daqueles que, apesar de desempenharem esta função naquele momento, não se identificavam muito com a Educação Física ou não lecionavam para o público da Educação Infantil.

A seguir, apresento as perguntas do formulário, demonstradas nas FIGURAS 2 e 3.

FIGURA 2 - Perguntas iniciais do formulário *google* direcionado aos professores com pretensão de participar da pesquisa.



The image shows a screenshot of a Google Forms questionnaire. The first question is 'NOME' (Name), which is a required field (indicated by a red asterisk) and has a 'Texto de resposta curta' (Short answer text) input field. The second question is 'ATUA COM EDUCAÇÃO FÍSICA HÁ QUANTO TEMPO?' (How long have you been working in Physical Education?), also a required field. It is a multiple-choice question with three options: 'HÁ MENOS DE 5 ANOS', 'HÁ MAIS DE 5 ANOS', and 'HÁ MAIS DE 10 ANOS'. The form is displayed in a light blue and white theme with a sidebar on the right containing various icons for editing and sharing.

FIGURA 3 - Perguntas finais do formulário *google* direcionado aos professores com pretensão de participar da pesquisa

TRABALHOU COM O COMPONENTE CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DURANTE A PANDEMIA? *

SIM

NÃO

ACEITA FAZER PARTE DE UMA ENTREVISTA EM UMA QUARTA À TARDE? *

SIM, se for PRESENCIAL

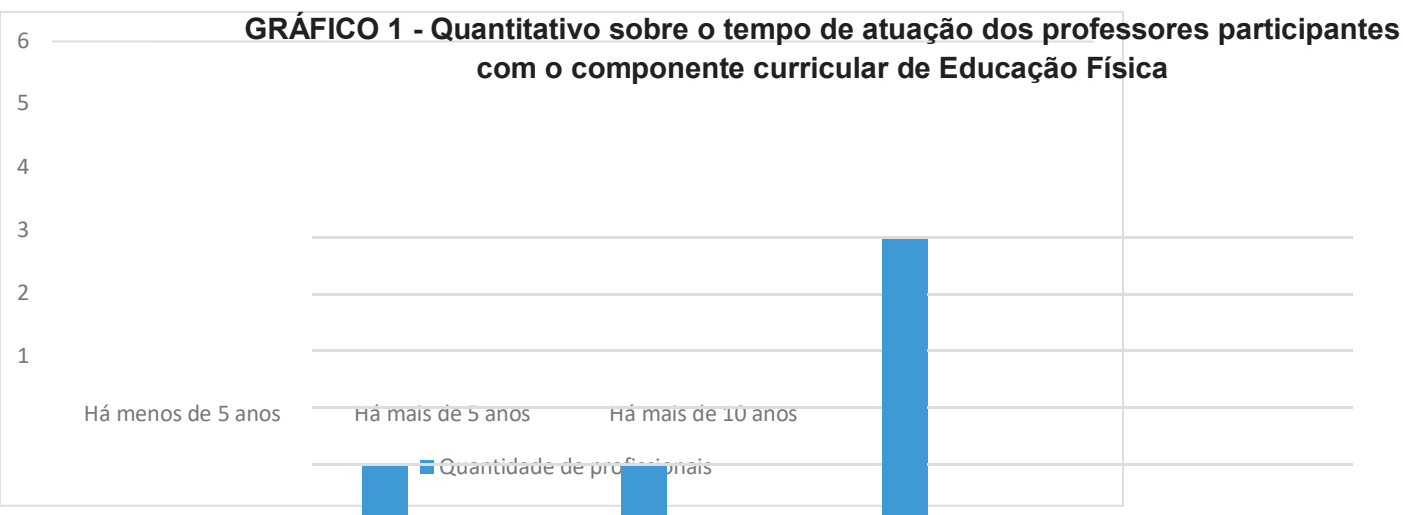
SIM, se for ON-LINE

SIM, se for PRESENCIAL ou ON-LINE

NÃO GOSTARIA DE PARTICIPAR.

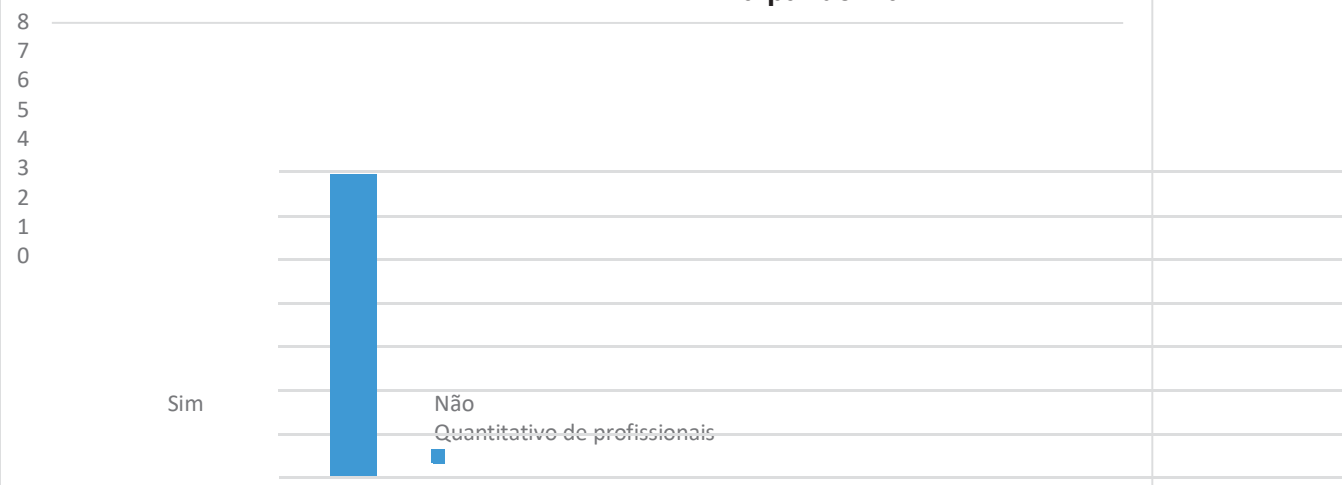
A partir do recebimento e da análise dos formulários, para melhor compreensão e visualização dos dados, optei em revelar as respostas obtidas por meio de gráficos.

No GRÁFICO 1, referente à pergunta que corresponde ao tempo de atuação com o componente curricular de Educação Física, foram obtidos os seguintes dados:



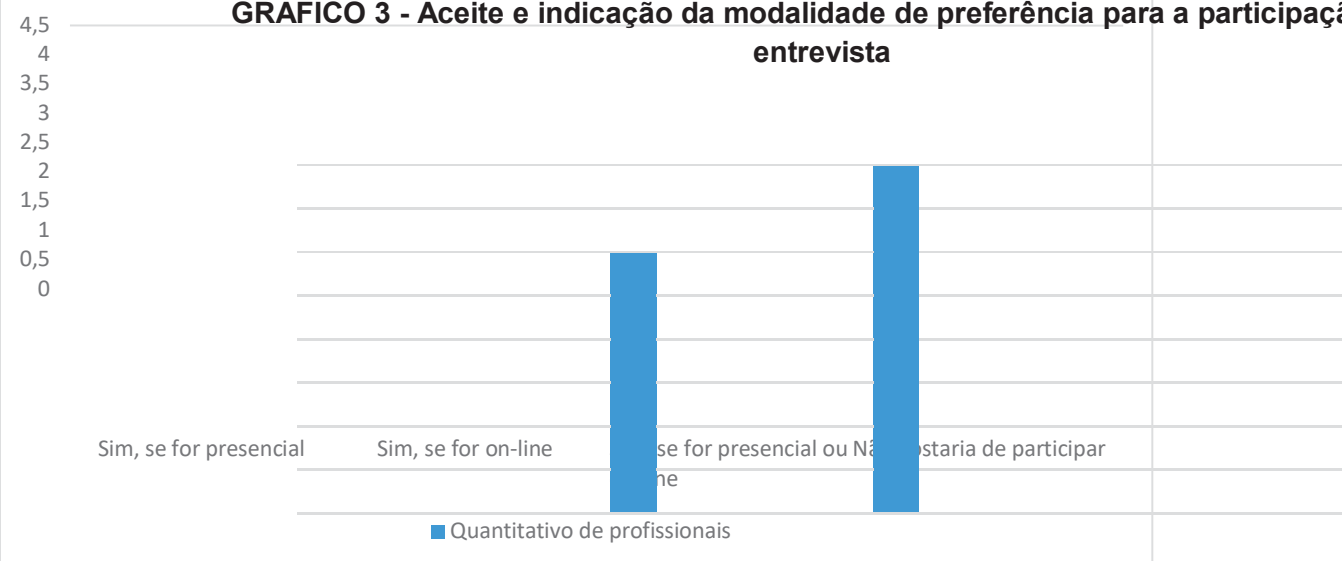
Já o GRÁFICO 2, nos mostra o panorama de quantos destes profissionais atuaram com a Educação Física durante o período de pandemia.

GRÁFICO 2 - Índice de participantes que atuaram com a Educação Física no durante a pandemia



E o GRÁFICO 3, por sua vez, aponta o aceite ou não, para participar da pesquisa, indicando também a modalidade de preferência para a realização da entrevista.

GRÁFICO 3 - Aceite e indicação da modalidade de preferência para a participação na entrevista



Observar o tempo de atuação dos professores com o componente de Educação Física disposto na pergunta específica da FIGURA 2, justifica-se pelo fato do problema de pesquisa estar atrelado às locuções que perpassam o período pandêmico. Sendo assim, um intervalo de tempo representado por cinco anos consecutivos, ou mais, a frente da Educação Física, seria um patamar considerado

desejável, para tanger algumas reflexões nos diferentes modelos de ensino que perpetuaram durante esta fração de tempo.

Com a finalidade de complementar este dado incluí no formulário a questão exposta na FIGURA 3, considerando que, por mais que os professores tivessem certa experiência com a Educação Física durante seus anos de magistério, poderiam, eventualmente, não ter atuado com este componente durante o ERE, sendo este também um critério utilizado para excluir algum dos participantes.

De acordo com o pontuado no GRÁFICO 1, dos sete professores que manifestaram livremente o interesse em participar da pesquisa, um não obtinha a experiência mínima almejada, portanto fechamos um grupo de seis indivíduos que, posteriormente, foram distribuídos em dois grupos focais, conforme formação acadêmica prévia (considerando que esta disposição poderia trazer importantes trocas de saberes), intitulados A e B, sendo eles:

- **(A)**, composto por três dos profissionais, que possuem formação específica na área de Educação Física;

- **(B)**, constituído pelos outros três integrantes, graduados em Pedagogia e que gostam de atuar com o componente curricular de Educação Física.

Todos os sujeitos dos grupos **(A)** e **(B)** já estão na rede há pelo menos cinco anos e durante este mesmo tempo permaneceram ministrando aulas de Educação Física. Os profissionais formados na área, atuam com este componente por serem considerados especialistas e os que são formados em Pedagogia, o fazem por escolha própria, ou seja, se identificavam com os saberes e com o objeto de estudo da Educação Física escolar.

Para finalizar, foi perguntado aos professores se aceitariam fazer parte da pesquisa que ocorreria em formato de entrevista, dando-lhes opções para selecionar qual seria a melhor forma de atingir às suas necessidades e garantir sua participação, como é demonstrado na FIGURA 3.

A pergunta remanescente do formulário, refere-se à disponibilidade de tempo, e foi colocada também como intuito de integrar o último dos pré-requisitos para a seleção dos participantes.

Neste caso, todos professores respondentes relataram estarem desimpedidos para participar de uma possível entrevista em uma quarta à tarde (dia escolhido para a realização da roda de conversa, devido a grade de aulas do município que prevê a hora/ atividade desses profissionais nas quartas-feiras).

Porém, como nos indica o GRÁFICO 3, alguns assinalaram que só poderiam se comprometer caso a entrevista ocorresse na modalidade remota (*on-line*).

Sendo assim, como a grande maioria, optou pelo formato remoto, essa conversa ocorreu no formato *on-line*.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

De acordo com Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 95) “a observação é um dos instrumentos que mais fornece detalhe ao pesquisador, por basear-se na descrição e por utilizar-se, para tanto de todos os sentidos humanos”, e em uma roda de conversa é possível além de ouvir e compreender o que é proferido por meio de palavras ditas, fazer uma conexão com o que o corpo fala.

Para tanto, optou-se pela realização de roda de conversa, que segundo Moura e Lima (2014, p. 25), trata-se de um instrumento de coleta de dados que permite “a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo.” Considero que o referido método contribui para compreender melhor o objeto deste estudo, que envolve tanto profissionais com formação em Educação Física, como formados em Pedagogia.

Na fala e nas interações promovidas pela roda de conversa, é possível verificar vários elementos importantes para esta pesquisa, pois é preciso considerar que tudo o que fazemos e somos está imbuído de certa influência coletiva que advém de um processo histórico, cultural e social. Sendo assim, pressupõem-se que

o sujeito é sempre um narrador em potencial. O fato é que ele não narra sozinho, reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva, é essencial para o pesquisador, no contexto da coleta de dados, compreender que as memórias culturais e individuais estão intimamente ligadas. (MOURA; LIMA, 2014, p. 27).

Portanto, neste estudo os participantes foram inicialmente separados em dois grupos, conforme anteriormente mencionado, sendo:

- grupo **(A)** composto por profissionais formados em Educação Física e
- grupo **(B)** composto por profissionais formados em Pedagogia.

A primeira roda de conversa ocorreu com o grupo **(B)**, sendo que o grupo **(A)** realizou este encontro virtual em outro dia, seguindo os mesmos procedimentos metodológicos.

A abordagem aconteceu de forma *on-line*, por meio da plataforma *Skype*.²⁷

Tanto a primeira como a segunda sessão de roda de conversa, foram mediadas pela pesquisadora Deborah Lemes de Paula,²⁸ devido à proximidade afetiva e profissional entre os participantes da pesquisa e a pesquisadora em questão.

O diálogo foi iniciado com perguntas a respeito da trajetória acadêmica dos participantes, seguido de uma conversa mediada por alguns pontos focais disparadores. Um disparador, de acordo com Aguiar e Viol (2022),

nada mais é do que um gatilho, um recurso ou um dispositivo que aciona algo, que lança uma problemática para ser resolvida e solucionada, que instiga e leva a reflexão sobre o assunto abordado. Podem ser situações problemas, narrativas, imagens, textos, músicas ou qualquer outro elemento que contribua para a partilha de conhecimentos prévios entre os estudantes, explicitando a leitura de mundo única de cada indivíduo. (AGUIAR; VIOL, 2022, p. 1115).

O grupo **(B)** era composto por 3 profissionais formados somente em Pedagogia. Desde o início, uma das participantes teve problemas com a conexão de internet, conectando-se e caindo constantemente, até que, ainda nos primeiros minutos, acabou perdendo a conexão e não conseguiu retornar. Assim, permaneceram 2 profissionais neste grupo.

No grupo **(A)**, também estavam previstos 3 participantes, todos formados em Educação Física, porém uma das participantes também teve problemas com a internet e não conseguiu nem ao menos se conectar. Portanto, o grupo **(A)** também foi reduzido a apenas 2 integrantes.

Com o objetivo de preservar a identidade dos professores e, ao evidenciar o apreço e estima que tenho pelos profissionais que escolhem a docência como ofício, optei por identificá-los por meio de nomes de super-heróis escolhidos pelos próprios

²⁷ *Skype* é um software de mensagens e videoconferência, disponível em várias plataformas como computadores, smartphones, tablets e consoles de videogame, sendo operado pela *Skype Technologies*, uma divisão da *Microsoft*. Fonte: <https://support.skype.com/pt-br/faq/FA6/o-que-e-o-skype>. Acesso em: 12 jul. 2022.

²⁸ Deborah Lemes de Paula é atualmente doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do grupo de pesquisa EDUCAMOVIMENTO. Também se encontra vinculada, como pesquisadora, ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE) da UFPR.

participantes.

Além disso, considere relevante para a pesquisa fazer um levantamento a respeito da formação acadêmica dos mesmos, bem como suas formações, ter conhecimento da idade/faixa etária dos professores, do tempo de atuação com o componente curricular de Educação Física e do tempo de atuação como professores no município de Campo Largo.

O QUADRO 4 nos apresenta o teor destas informações.

QUADRO 4 - Identificação dos sujeitos/participantes da pesquisa

SUJEITO	IDADE (anos)	FORMAÇÃO/ ESPECIALIZAÇÃO	ATUAÇÃO COM EDUCAÇÃO FÍSICA (anos)	ATUAÇÃO EM CAMPO LARGO (anos)
Mulher Elástico	49	Magistério, Pedagogia, Esp. em Educação Especial e Arte	16 a 17	31
Doutor Estranho	50	Pedagogia, Esp. em Jovens e Adultos, Educação Física anos iniciais (cursando) e Educação Física na Educação Infantil (cursando)	5	10
Mulher Maravilha	40	Educação Física, Pedagogia, Esp. em Educação Especial Escolar e Psicomotricidade	11	11
Superman	35	Educação Física, Pedagogia, Esp. em Educação Especial e Saúde do Professor	11	11
Homem de Ferro	34	Educação Física, Pedagogia, Esp. Em Educação Física Escolar	11	11

Conforme as informações descritas no QUADRO 4, é possível apontar algumas características em comum, tais como o fato de que todos os participantes possuem o curso de Pedagogia, seja como primeira ou segunda formação, já concluíram, ao

menos, uma Especialização e atuam na área da Educação do município de Campo Largo há mais de 10 anos.

Desta forma, é possível caracterizar a amostra como um grupo de profissionais que já adquiriu certa experiência na Educação e logra de uma familiaridade com componente curricular de Educação Física, o que circunstancialmente, atribui aos mesmos alguma propriedade acerca de suas ações e reflexões pedagógicas, que interferem diretamente sobre seus olhares em relação aos estudantes, e às crianças, que são o objeto de interesse dessa pesquisa.

Tendo em vista a composição dos dois grupos para a produção de dados e ao observar o fato de que o grupo de professores que possuía formação em Educação Física representavam o 100% dos sujeitos com essa característica no município de Campo Largo, optou-se por realizar uma terceira etapa: entrevista presencial, direcionada aos profissionais que possuem formação específica em Educação Física. Estas entrevistas foram produzidas em meados do mês de dezembro de 2022, em momentos distintos com cada participante e conduzidas por mim.

De acordo com Ludke e André (2022, p. 39), “a grande vantagem da entrevista sobre as outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada”, pois nesse tipo de instrumento

a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. (LUDKE; ANDRÉ, 2022, p. 39).

Além do que foi citado, é válido afirmar que a entrevista “pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial” (LUDKE; ANDRÉ, 2022, p. 39), ao ser utilizada como meio para investigar melhor determinadas questões que não tenham sido muito bem elucidadas, a partir de produções de dados anteriores a ela. Este foi o principal motivo para trazê-la como um dos instrumentos de investigação escolhidos para compor a produção de dados da presente pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresento alguns dados produzidos pelos dois instrumentos selecionados para esta pesquisa – a roda de conversa e a entrevista –, seguidos da análise pela metodologia prevista na Análise Temática (AT), sugerida por Braun e Clark (2006, *apud* ROSA; MACKEDANZ, 2021), que se constitui como “um método que funciona tanto para refletir a realidade, como para desfazer ou desvendar a superfície da ‘realidade’” (BRAUN; CLARK, 2006, p. 8 *apud* ROSA; MACKEDANZ, 2021, p. 11).

De acordo com Souza (2019) a AT contribui pela sua praticidade e ampla aplicabilidade, pois pode ser utilizada em quase qualquer tipo de análise qualitativa, tal como a que se apresenta como opção na presente investigação.

O processo de AT começa quando o pesquisador procurar, nos dados, por padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa. Isso já pode ocorrer, inclusive, durante a coleta de dados, na **condução de entrevista ou grupo focal**. A análise envolve um vaivém constante entre o banco de dados, os trechos codificados e a análise dos dados que se está produzindo a partir destes trechos. O processo termina com o relatório dos padrões (temas) nos dados. Esta estrutura está presente em boas técnicas de análise de dados qualitativos bastante comuns na literatura. (SOUZA, 2019, p. 54 – grifo meu).

De acordo com a premissa, os possíveis temas e recortes para os quais as perguntas se direcionam, na entrevista com os participantes, são previamente desenhados no momento da sessão do grupo focal na roda de conversa. Procurei estabelecer tais parâmetros/temas de questões que pudessem contribuir com os pressupostos envolvidos na premissa da pesquisa.

Souza (2019) destaca que o primeiro passo da AT necessita de um contato pormenorizado com os dados coletados [no caso desta dissertação, os dados se referem às respostas dos participantes, enunciadas no momento da entrevista semi-estruturada na roda de conversa], visto que “alguma das seguintes ações, senão todas, envolveram o pesquisador: coleta dos dados, transcrição e sua revisão” (SOUZA, 2019, p. 56). É nesta fase, na conferência das respostas que o ‘resgate e observação de certos padrões – palavras ou expressões repetidas – por exemplo, podem começar a se pronunciar. A imersão na fonte de dados coletados, permite que os conteúdos e temas aflorem em seus padrões e se constituam em balizas vitais para a discussão.

Para facilitar a compreensão e a organização das ideias, optei por separar este capítulo em dois subtítulos, utilizando como critério de divisão os próprios instrumentos utilizados na pesquisa.

4.1 RODA DE CONVERSA ON-LINE

Para se ter uma dimensão de como as crianças estavam sendo, de fato, vistas pelos professores participantes da roda de conversa, escolhi como primeiro elemento disparador um vídeo²⁹ contendo diversas imagens de crianças, ora não fazendo nada, ora brincando, em diferentes contextos, e tendo como pano de fundo e trilha sonora a música “*Semente do amanhã (Nunca pare de sonhar)*”, do artista Gonzaguinha. Em muitas das imagens as crianças aparecem felizes, brincando, enquanto se ouve as seguintes estrofes:

*Ontem um menino que brincava me falou
que hoje é semente do amanhã...
Para não ter medo que este tempo vai passar...
Não se desespere não, nem pare de sonhar
Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs...
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!
Fé na vida Fé no homem, fé no que virá!
nós podemos tudo,
Nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será
(GONZAGUINHA, 1984)³⁰*

A ideia inicial era compreender qual seria a percepção de infância e criança que o material audiovisual/vídeo provocaria nos participantes, por meio da interpretação de imagens em alusão às estrofes da música, e correlacioná-las com o tema ‘pandemia’ e todas as consequências que este período trouxe para as crianças, os docentes e os processos de ensino e aprendizagem na Educação.

Ao comentar sobre o vídeo, inicio pelo questionamento de qual imagem de criança o mesmo transmite. E, *Doutor Estranho* se pronuncia dizendo, “criança sendo criança”.

²⁹ Para acesso ao material audiovisual, consultar a plataforma YouTube: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zohh7omUHOQ>. Acesso em: 13 ago. 2022.

³⁰ A letra completa desta canção pode ser conferida em: Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/280650/#:~:text=Para%20n%C3%A3o%20ter%20medo%20que%20este%20tempo%20vai%20passar...&text=Nunca%20se%20entregue%2C%20nas%C3%A7a%20sempre,homem%2C%20f%C3%A9%20no%20que%20vir%C3%A1>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Já Mulher Maravilha observa a alegria das crianças, enquanto Superman ressalta que o vídeo “mostra muito da infância” por meio das brincadeiras que ali aparecem.

Mulher Elástico, por sua vez, reconhece as crianças como “sendo ativas [...] buscando, procurando, investigando, querendo conhecer...” e Déborah (pesquisadora convidada que conduz/media a roda de conversa) acrescenta:

É interessante a gente olhar assim, que são diferentes infâncias, diferentes crianças, diferentes infâncias e pra gente pensar de que forma a criança é retratada nesse tipo de vídeo. Que todas as imagens as crianças estão sorrindo, mas a infância de fato representa sempre estar sorrindo? As vezes tem um desejo do adulto que a criança sempre esteja nesse estado de alegria, essa concepção, mas nem sempre é o que acontece e aí vem a pergunta que tem a ver com a pandemia, porque se a gente pensar nesse tempo de pandemia as coisas que as crianças viveram, será que elas estavam assim, sempre nesse estado de espírito, [...]. (Trecho da fala de DÉBORAH na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Deborah então continua sua fala, colocando para os grupos a primeira pergunta, que é relacionada ao material audiovisual, para a análise de como foi o período de ERE na visão desses professores. A partir desta reflexão, Doutor Estranho e Mulher Maravilha apontam para as dificuldades com a tecnologia, e desabafam em relação às devolutivas, que era uma das maneiras que os professores se utilizavam para contabilizar o número de estudantes que realizavam as atividades enviadas, conforme demonstram os seguintes excertos das falas.

[...] nesses dois anos que a gente passou no Ensino Remoto que muitos dos nossos alunos, eles até queriam fazer, mas a própria tecnologia pra eles, não chegava até eles, não chegava, então, por exemplo eu tinha dez turmas, então nessas 10 turmas eu via que [...] de 30 alunos você recebia no máximo 10. (Excerto da fala de DOCTOR ESTRANHO na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...] pra mim foi muito difícil, porque eu tive poucos retornos, dos meus alunos, por ser uma região mais carente, então [...] o celular muitos nem tinham, as vezes tinham um simples dos familiares, que as vezes saíam de casa pra trabalhar, então a questão da pandemia para mim foi muito difícil, em questão de retorno. [...] lá a gente utilizou muito papel, era muita coisa impressa por eles não terem esse acesso, então foi feito apostilas, então eles tinham que dar o retorno em formato de vídeo, mas pouquíssimos encaminhavam[...]. (Excerto da fala de MULHER MARAVILHA na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Já a Mulher Elástico assente também que a falta de acesso à tecnologia impactou negativamente sobre os estudantes, porém, no caso dela, por se tratar de uma escola menor, essa parte da devolutiva foi um pouco diferente, porém concordando com o Doutor Estranho em vários aspectos, conforme nos mostra o relato.

[...] eu tinha um retorno bem maior do que ele, as minhas turmas são menores a maioria ali tinha acesso. Mas essa parte assim da gente sentir essa falta de... do contato, foi bem difícil, sabe, principalmente para as aulas de Educação Física. Você estar ali mostrando para eles o que tem que fazer, por mais que você gravasse vídeo... para eles não é a mesma coisa, o contato, a vivência deles ficou bem falha nesse tempo que a gente ficou afastado. (Trecho da fala de MULHERELÁSTICO na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Essas afirmações demonstram que cada instituição teve uma realidade muito particular, e que esta realidade era compatível ao nível socioeconômico de seus estudantes. Sobre o mesmo questionamento, Superman apresenta um outro olhar e reflete sobre outro aspecto, que diz respeito a versatilidade do professor, ao revelar que este período, apesar de difícil, fez com que ele evoluísse profissionalmente.

[...] serviu assim pra gente ver, no caso do professor de Educação Física, falando diretamente da nossa área, o quanto a gente consegue adaptar, o quanto a gente consegue criar coisas novas, o quanto a gente teve que pensar pra propor atividades que abrangessem a todos, porque a dificuldade material [...] pensar que uns teriam bola, outros não teriam bola em casa pra fazer a atividade, [...] a gente acostumado com o nosso ambiente escolar ali, com cones, com bambolês e tal e a gente ter que criar o nosso próprio, antes de criar a atividade criar o bambolê, fazer uma bola adaptada ali pra quem não tem, [...] então assim foi um período que a gente como professor viu que a gente é capaz de adaptar muitas atividades, trazer muita coisa, e eu acredito que nesse período, embora tenha sido um período muito difícil eu acho que eu cresci bastante enquanto professor, porque eu via as possibilidades de criação de atividades, de coisas que fui eu que inventei [...]. (Trecho da fala de SUPERMAN na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Quando questionados acerca da 'natureza das atividades enviadas', todos os profissionais afirmam que priorizavam atividades práticas, ou seja, o corpo em movimento, mesmo quando os estudantes necessitavam de atividades impressas, como afirmado nas falas a seguir:

Eu sempre tentava mandar do movimento, até eu nem mandava apostila, os meus alunos nas aulas de Arte e Educação Física não tinham apostila, só aqueles que realmente não tinham acesso. Mas os outros que tinham acesso, eles recebiam só a aula que eu ia falando com eles e conversando com eles. (Trecho da fala de MULHER ELÁSTICO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

A mesma coisa acontecia na escola. A gente acabou seguindo um padrão de que o mais importante, por mais que eu tivesse distante deles ali era de trabalhar corpo e movimento [...] era mais vídeo, a gente usava música, ou a música no próprio vídeo, e era privilegiado o movimento das crianças, o movimento do corpo, parte escrita assim não... porque o pensamento da equipe que a gente tava trabalhando no momento era que a criança tinha que se movimentar, porque mesmo na pandemia a criança tinha que se movimentar, mesmo que tivesse em casa ela tinha que brincar, ela tinha que sair um pouco, aquele momento ela podia ficar no celular ali prestando atenção e fazendo [...]. Essa interação do professor fazendo aquela atividade ali, as vezes a gente até, como é que eu posso dizer, criava estratégias pra chamar eles, por exemplo, eu usava de repente algum adereço ali, pra que eles entrassem na brincadeira ali e era assim mesmo [...]. (Trecho da fala de DOUTOR ESTRANHO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...] a maioria das atividades sempre foram práticas, tinha que sempre fazer uma parte descritiva mas só pra registro mesmo, para as formalidades, então, mas sempre foi muito mais prático, mas sempre tentando visar o material disponível que eles tivessem, então sempre muito mais prático. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na rodade conversa realizada em junho, 2022).

[...] a gente sempre trabalhou com a questão de movimento mesmo, de trabalhar o corpo, de eles poderem praticar uma atividade em casa, porque eu acho que como eles já estavam tendo as aulas com os professores ali com a parte descritiva de estudos a gente focou bastante [...] nessa parte de movimento de movimento corporal. (Trecho da fala de SUPERMAN, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Outra questão relevante levantada pela Déborah durante a conversa, foi o fato de que as aulas de Movimento ou Educação Física, têm como uma de suas marcas mais consistentes a coletividade, uma característica de um ambiente que expressa a ampliação das possibilidades de aprendizagem (OLIVEIRA, 2014), justamente porque evidencia a necessidade de interação, que “também possibilita que o sujeito adquira novas aprendizagens e, pela intervenção do outro, avance do nível de

desenvolvimento potencial para o real (VIGOTSKI, 2007 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 58).

De acordo com Oliveira (2014):

A coletividade enfatiza a relação sujeito/meio e percebe que tudo se configura em espaços de aprendizagem repletos de possibilidades para o desenvolvimento social do indivíduo, compreendendo a construção da autonomia. A capacidade de conhecer o mundo e de nele atuar é uma construção social que depende das relações que o homem estabelece com o meio sociocultural. Sendo assim, a constituição de um indivíduo em um ser autônomo está relacionada a sua habilidade de intervir no seu meio social e, preferencialmente, em um ambiente coletivo. (OLIVEIRA, 2014, p. 38).

Sobre este ponto, porém focando mais na questão da emergente necessidade de adaptação das atividades até então feitas em grupo para serem executadas de forma individual, os professores colocam que, não só eles como também os **alunos**, tiveram de se utilizar muito da 'criatividade', como é possível comprovar nos trechos a seguir

Essa também sempre foi a maior dificuldade, sempre estar criando coisas que eles conseguissem fazer sozinhos, porque as vezes pai e a mãe não tem paciência é muito o que acontece ou não tem tempo, né, às vezes não tem irmãos e por aí vai... (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...]a gente tinha que recriar, reinventar, não é reinventar a roda mas fazer de uma forma que eles pudessem usar os membros da família em casa, que isso também me chamava muito a atenção pela ajuda dos pais, era pai, mãe, vô, tio, vó... pessoas de maior idade ali fazendo e se divertindo, [...] na verdade é ali que você se transforma num professor assim com a visão diferente porque você tem que recriar aquilo que já está feito. Eram atividades e brincadeiras lúdicas, que mesmo sendo em grupos, você tinha que trazer para o individual, não podia deixar ali parado, porque você tinha que movimentar aquela criança e fazer com que ela gostasse de participar, que ela sentisse prazer ao mesmo tempo, a distância né? Chamar a atenção dela, buscar isso... eu acho que é criatividade. (Trecho da fala de DOUTOR ESTRANHO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Nessa parte a gente foi bem criativo, né? A gente teve que reinventar, fazer jogos que eram em grupo, transformar em 2, 3 (participantes), algumas cantigas de roda eu lembro que as meninas colocavam as bonecas, brincavam com as bonecas, os animais, colocavam os cachorrinhos, entravam na brincadeira, sabe? Tinha vídeos assim que a gente ficava encantado de ver, que até o cachorro jogava bola, eles brincavam de vôlei, de brincadeiras com os animais em casa porque tinha alguns que eram filho único,[...] então eles achavam alguém pra

brincar com eles nessa parte mas não deixavam de fazer, isso que era a parte interessante, A gente foi criativo em passar a atividade, mas eles foram mais criativos ainda em realizar as atividades em casa com as pessoas que eles tinham em casa pra fazer junto com eles. (Trecho da fala de MULHER ELÁSTICO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Junto com o tema criatividade, podemos associar também a parte da criação. Pois, devido à ausência de materiais que representassem um brinquedo estruturado,³¹ as crianças e os professores precisaram lançar mão de suas habilidades de construção e de improvisação, por meio de brinquedos não estruturados, como afirmam Mulher Maravilha e Doutor Estranho.

E teve atividade [...] que a gente encaminhou, até deles criarem. Então a gente mandou orientações de peteca, de bilboquê, sempre, pra estarem fabricando em casa. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Eu achei interessante foi a criatividade deles. Eu sou um professor que gosto muito de trabalhar lateralidade, os jogos psicomotores, mas daí você precisa ter instrumentos para se trabalhar, cones, outras coisas assim que a gente usa no dia a dia na educação física e olha... era sapato, era cadeira, era banco, era corda, não tinha corda vai mangueira de jardim; não tinha mangueira de jardim eles davam um jeito, eles improvisavam, lençol, as vezes era pular corda, teve um pessoal que fez uma corda de lençol [...]. Os bambolês deles eles inventaram, a criatividade deles era muito grande para participar [...]. (Trecho da fala de DOUTOR ESTRANHO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Após assistirem a um fragmento do filme que retrata a história de Maria Montessori³² – *Uma vida dedicada às crianças* (2007) –, os professores foram convidados a refletir sobre as imagens das cenas reproduzidas e indagados a respeito das atividades que foram realizadas com as crianças pequenas no período remoto,

³¹ Segundo Targanski (2021) Brinquedos Estruturados “possuem função definida enquanto objeto de brincar. Não permitem muita flexibilidade à criança quando ao uso, restringindo a imaginação dela. São os brinquedos vendidos como prontos;” enquanto que “Brinquedos Não Estruturados: são elementos sem uma função definida enquanto objeto de brincar. Permitem que a criança crie, conforme seu conhecimento e desejo, as melhores formas de interação com o brinquedo. Sua função muda a cada nova interação, sendo mais perene enquanto objeto lúdico (TARGANSKI, 2021).

³² Maria Montessori (1870-1952) foi uma importante educadora, conhecida mundialmente pelo método educativo que criou e que é utilizado até os dias de hoje.

pensando nas especificidades desta faixa etária e no currículo proposto. Sobre este assunto, eles destacaram o seguinte:

Eu tive que também, retrabalhar, refazer as coisas, buscando. Deixando-os à vontade pra fazer atividades sem aquela obrigatoriedade, que a gente não cobra isso na educação física tanto, mas sem deixar ... deixar eles livres para fazer a atividade, e eles faziam. Deixando eles livres assim, claro tendo uma... sendo sistematizado mas ao mesmo tempo deixando que eles fizessem, sem aquela pressão em cima deles, fazendo... não que a gente faça isso na educação física, mas digamos assim, deixando eles livres pra fazer. (Trecho da fala de DOUTOR ESTRANHO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...] eu passava a atividade, uma música, música com gestos, uma brincadeira, e daí se eles tivessem a vontade, a disposição de fazer naquele dia... se não as mães falavam que eles faziam no outro, que aquele dia eles não estavam com vontade e eles acabavam fazendo num outro dia, e acabavam mandando. Então eles não estando assim com a gente, alguns tinham aquele medo de fazer talvez, não sei né, eles não tinham a disposição de fazer quando eles não estavam com a gente. Acho que a segurança que a gente passava pra eles na horade fazer a atividade, eles não tinham isso, alguns, mas eu acho assim que eles faziam, apesar de ser atividades mais dinâmicas, com o infantil é sempre assim mais movimento por movimento, mais o trabalhar o corpo deles né, as sensações, mas eu acho assim que foi bem gratificante. Às vezes eu acho que os pequenos tinham até mais retorno que o ensino fundamental. (Trecho da fala de MULHER ELÁSTICO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...]eu trabalhei com muita música, [...] em questão deles movimentarem até o próprio corpo, que eu acho que ...o que eles iam mais se enquadrar do que qualquer pessoa dentro de casa que não tenha o conhecimento, vamos dizer assim, de passar muitos comandos, né, então as minhas aulas foram mais elaboradas dentro da parte mais lúdica , né, bem lúdico e mais musical mesmo. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Trabalhei paralelo, junto com a Mulher Maravilha assim nessa questão, a gente trabalhou meio parecido, eu trabalhei alguns circuitos com eles, coisas mais simples né, cabo de vassoura, balde, essas coisas assim, [...] com mímica, imitação de animais, trabalhamos também com música... (Trecho da fala de SUPERMAN, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Sobre a característica das atividades e entendendo que a criança explora o mundo de diversas formas, Mulher Maravilha ainda acrescenta

[...] eu lembro que eu até encaminhei uma das atividades que a mãe “ah isso é muito perigoso pro meu filho fazer em casa”, tipo, claro, sozinho vai ficar muito perigoso mesmo, mas então a gente, pelo menos na minha, vamos chamar de minha clientela, eu não quis abusar também muito. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Nesses trechos foi possível perceber que existia uma preocupação com a oferta de atividades e com a natureza delas, sendo estas de ‘caráter mais lúdico, simplista e que envolvesse música’ como estratégias para estimular a participação, mas não se cobrava uma obrigatoriedade na realização. Outro detalhe importante a ser comentado, é que dentro da proposta do município de Campo Largo, incentiva-se um ‘trabalho interdisciplinar’ que perpassa por 2 ou mais campos de experiência e tem um caráter de continuidade, então mesmo quando outro professor, que não o regente, está a frente da turma, o trabalho proposto deve ser interligado, como demonstrado nas passagens a seguir

Então, as minhas aulas pelo menos assim, a gente segue conteúdo das professoras, então, a gente teve um pouquinho de dificuldade, mas a gente tentou sanar todas as dificuldades que tinham. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...] A gente sempre tem que seguir aquilo que é trabalhado em sala né? Então a gente consegue adaptar atividades, criava também, houve muita... eu acredito assim que houve muita criação assim, de uma forma bem bacana. (Trecho da fala de DOUTOR ESTRANHO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...] as nossas aulas têm que estar ligadas com a da professora regente, então, [...] conforme o assunto que a professora regente estava trabalhando, eu sempre tentava incluir alguma atividade de movimento, alguma atividade [...] dinâmica para continuar a aula dela. Porque [...] a gente não tem um trabalho separado do dela. (Trecho da fala de MULHER ELÁSTICO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Quando provocados a pensar sobre a criança e o corpo criança, foram obtidas as seguintes respostas dos professores participantes da pesquisa:

Eu quando... é... fala em corpo criança, eu já penso em inúmeras possibilidades, em ... nos desafios... porque, penso em desenvolvimento, eu já vou logo pensando que [...] corpo criança é

desenvolvimento, eles tem inúmeras possibilidades, só tão esperando ali a oportunidade de se desenvolver, de criar inúmeras possibilidades de atividades corporais que possam auxiliar eles futuramente, então eu vejo o corpo criança e já penso em desenvolvimento.(Trecho da fala de SUPERMAN, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...] eles parecem, num primeiro momento tão frágeis, mas são muito mais fortes que nós, eles fazem muito mais coisas do que eu hoje com 40 anos, muita coisa eu não tenho mais mobilidade [...]; eles não tem medo de nada, nós que temos medo por eles [...] eles fazem tudo ... se você falar 'vai, faça', eles fazem, mas nós adultos falamos 'não, perai, calma ai, não tem nada macio, se cair, aí se quebrar, ai meu Deus', então a gente tem essa preocupação, mas eles tem todos os movimentos do mundo aí que eles realizam e acho que só basta um pouco mais de incentivo até próprio nosso.(Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Eles são maleáveis né? [...] eles viram, eles pulam, eles rolam, eles têm uma facilidade muito grande pra movimento. E a gente quanto mais tarde a gente vai chegando, mais a gente vai ficando mais duro, assim dizendo, e eles não tem essa... essa preocupação, é pra rolar, eles rolam, é pra deitar, eles deitam, é pra correr, virar de ponta cabeça, pra eles é... tudo pra eles é interessante e é divertido. (Trecho da fala de MULHER ELÁSTICO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Eu acredito assim, a gente usa uma expressão, uma forma de falar, que não tem tempo ruim pra eles. Pra eles é chegar e brincar mesmo, e não tem assim aquele momento de medo, eles sempre estão prontos. (Trecho da fala de DOUTOR ESTRANHO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Nestas falas, o que fica de mais marcante é o reconhecimento e a valorização da disponibilidade corporal da criança, pois ela está sempre pronta para brincar, o que por muitas vezes faz da brincadeira “um importante meio facilitador do ensino-aprendizagem, ao invés de ser pensada como contexto privilegiado de produção de culturas infantis” (ODININO, 2017, p. 211). Para elucidar de forma um pouco mais aprofundada o conceito de corpo criança, foi apresentada aos professores a seguinte citação:

Quando tratamos da criança pequena na sua relação com o mundo, o corpo assume-se enquanto extensão do seu próprio mundo, onde pele, tato, visão, audição, sentidos, movimentos, fluxos, mundo material e cultural fundem-se e já não é mais possível dizer onde termina um e inicia outro. É o corpo criança em ação que cartografa o mundo. A partir dessa compreensão, podemos afirmar que o movimento da criança é a chave desse corpo que age no mundo. É

ele que permite a ação no aqui e no agora, isto é, na forma da criança habitar o próprio mundo (DE PAULA, 2021, p. 9).

Deborah ainda faz a última indagação, retratada na fala adiante:

Entendendo então que esse corpo é a forma dessa criança estar no mundo, a presença dela se faz por meio do corpo. Considerando esse corpo criança, quais foram as estratégias utilizadas por vocês para trabalhar o corpo criança, esse corpo da criança, no ensino remoto? Pensando nessa dimensão desse corpo que cartografa o mundo, que tateia o mundo, que estratégias vocês utilizaram? (Trecho da fala de DEBORAH, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

E as respostas para essa pergunta foram:

Quando a gente trabalhou no ensino remoto, a gente buscava muito trabalhar realmente os movimentos corporais [...] pra que eles se sentissem, pra que eles... é... dentro do espaço deles ali que... uns mais limitados, outros com um espaço maior e tal mas dentro das possibilidades deles que eles se desenvolvessem de várias formas, seja saltando, seja rodando, seja tocando o próprio corpo, toque a parte do corpo na música lá que fala, 'cabeça ombro joelho e pé', por exemplo, de localização dos seus membros corporais pra que eles desenvolvessem essas práticas, então foquei bastante nisso durante esse período, porque umas das coisas que eu percebi muito na pandemia, foi que, falando já dos adultos, a formação da criança até chegar a idade adulta que uma das dificuldades que eu percebi é das pessoas manter o distanciamento social se localizando lá quando a gente falava 1,5m de distância a gente via muito, eu não sei se vocês perceberam isso na fila de banco, fila de lotérica essas coisas, no supermercado que as pessoas não tem essa localização esse sendo de quanto será que é 1,5m, claro que a gente não vai ter como medir exatamente mas a gente localizar o nosso corpo no espaço ao ponto de perceber que eu estou muito próximo do que está a minha frente, então assim, a gente trabalhou bastante essas questões, até pra que eles se percebessem no espaço que eles estavam, se eles estavam muito perto de algum material, de alguma lugar que eles pudessem se machucar, quando eles fosse rodar, então assim essa percepção corporal, foi bastante trabalhada nesse período. (Trecho da fala de SUPERMAN, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

[...] foi trabalhado também bastante a questão de velocidade, do que seria o rápido o devagar, ah o tempo está passando rápido ou devagar? questão próprio do corpo, tinham as musiquinhas 'ah, agora nós vamos andar lentamente...' olha, esse período não foi fácil, as estratégias tinha horas que falhavam, e você percebia assim tinha semanas que a gente tinha assim um retorno grande, você falava assim 'nossa, eles gostaram dessa atividade', ou tinha semanas que não vinha nada, você falava assim, 'nossa acho que não acharam legal', então as estratégias a gente tentou usar todas da melhor maneira, mas tem horas que falhavam algumas vezes. A gente achava que tinha coisas que eles iam achar o máximo e tinha coisas... eu trocava com o Superman assim, falava assim 'daí, Superman, como é

que foi a participação nessa?', daí o Superman 'nossa, essa eles gostaram bastante'. Então a gente trocava muita informação, a gente tentou sempre usar as melhores pra eles sempre manterem a movimentação do corpo, como o Superman falou, a questão musical, a parte ali da localização, mas tinha hora que falhava, vou ser bem sincera. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Bom eu trabalhei, aproveitando que eles estavam bastante tempo em casa, e tinham alguns... como eles moram numa região de interior então tem bastante árvore, tem bastante meio ambiente assim para eles poderem ir, então a parte de subir em árvores, fazer atividades na grama, fazer movimentos assim mais pé no chão, fazer atividades que eles pudessem mais estar em contato com vários tipos de materiais, [...] deixar eles sentirem o corpo, desenvolver até alguns caíam, tiveram machucados, mas eles sabiam que eles tinham se machucado porque eles estavam experimentando, tendo aquelas experiências diferentes e eles sabiam que da próxima vez eles iam ter que tomar mais cuidado. Mas eu fiz muitas atividades de eles aproveitarem muito o espaço que eles tinham em casa, porque lá na escola a gente também tem árvores, então não que a gente vai subir sempre, mas eles têm esse contato com a natureza, e eu aproveitei esse contato que eles tinham em casa também pra fazer essas atividades, desenvolver essa parte mais de sensibilidade do corpo deles mesmos em relação a eles e a natureza que eles tinham em casa também. (Trecho da fala de MULHER ELÁSTICO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Eu praticamente usei muito também do espaço, usei muito da música e de movimentos a partir das músicas já da idade deles mesmo e voltado pra eles, vídeos... e trabalhei brincadeiras cantadas. A gente usou, eu usei, dessas estratégias que eu podia que eu tinha em mãos. (Trecho da fala de DOUTOR ESTRANHO, na roda de conversa realizada em junho, 2022).

Analisando os trechos das falas dos professores, citadas acima, pode-se evidenciar que houve uma extensa preocupação com a vivência motora das crianças, mesmo que ela fosse oportunizada de forma mais limitada, dentro do ambiente domiciliar, ao proporcionar experiências corporais ora semelhantes, ora diferentes das experiências habituais fornecidas pela convivência e interação no espaço escolar.

A música também aparece como um instrumento muito presente neste contexto de ensino remoto, como uma das estratégias escolhidas para conquistar a atenção e o interesse das crianças, na realização das atividades.

Um fato relatado pelos professores Mulher Maravilha e Superman, é que os mesmos **trocavam ideias de atividades** entre eles, também como forma de tentar fazer escolhas mais assertivas. Por meio do tema **dificuldades**, podemos encontrar algumas **semelhanças entre as realidades**, por se tratarem de escolas de ensino

público, especificamente. Porém, cada profissional, de forma particular, manifestou seus anseios com ênfases diferentes, que remetem à preocupação com o acesso ao conhecimento por parte das crianças e a própria insatisfação com a forma de organização do sistema de ensino que exigia dos estudantes algum tipo de devolutiva.

Na fala desses profissionais, é possível perceber alguns elementos que apontam suas principais angústias: a preocupação com essa **falta de contato** da criança para com eles (DOUTOR ESTRANHO e MULHER ELÁSTICO), a necessidade de **adaptação das atividades** para o ambiente domiciliar e materiais utilizados (SUPERMAN) e a **frustração** pela ideia de ter todo um trabalho para elaborar as atividades e ao final não obter o retorno esperado (MULHER MARAVILHA).

Sendo assim, pode-se elencar os seguintes temas presentes nas falas dos profissionais participantes da roda de conversa, e elementos listados por ordem de maior recorrência entre as falas dos profissionais participantes.

QUADRO 5 - Temas e elementos presentes na fala dos profissionais participantes da roda de conversa

Tema	Elementos
Natureza das atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Prioritariamente práticas. • Quando descritivas ou no formato de desenho, apareciam com o cunho de atender às formalidades (registro comprobatório).
Disponibilização das atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Vídeo no grupo de pais pelo <i>whats app</i>; • Áudio no grupo de pais pelo <i>whats app</i>; • Material impresso.
Dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de acesso à tecnologia por parte das crianças; • Sistema que exigia devolutivas das atividades;

	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação de atividades coletivas para o individual.
Principais angústias	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de contato com as crianças; • Frustração pelo pouco retorno nas devolutivas; • Constante adaptação de atividades (ambiente e materiais).
Estratégias utilizadas	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de caráter mais lúdico; • Poucas atividades; • Atividades mais simples; • Atividades que envolvessem música; • Troca de ideias (atividades) entre profissionais; • Estimular a participação da família. • Não obrigar a participar; • Utilizar adereços para chamar a atenção.
Habilidades necessárias	<ul style="list-style-type: none"> • Criatividade; • Construção de materiais; • Improvisação.
Pontos positivos	<ul style="list-style-type: none"> • Evolução profissional.

Fonte: A autora, 2023

4.2 ENTREVISTAS

A proposta para as entrevistas individuais foi conduzir um diálogo partindo de um roteiro semi-estruturado para aprofundar algumas questões já levantadas na roda de conversa, e levantar dados mais pontuais que pudessem emergir da fala dos profissionais com formação específica em Educação Física.

Algo importante de se destacar, é que para este momento foi possível contar com a participação dos três profissionais do município admitidos pelo Concurso Público para o cargo de Analista de Esportes, atuantes em escolas. Na roda de conversa Homem de Ferro perdeu a conexão, não conseguindo interagir e contribuir com sua fala.

Sendo assim, com o intuito de perceber se algo em particular, dentro da área de conhecimento da Educação Física, tenha influenciado na atitude e no pensamento dos professores durante as aulas que ocorreram na pandemia, a primeira pergunta foi relacionada a como os sujeitos, sendo formados em Educação Física e detentores de conhecimento acerca do corpo, enxergaram este período de Ensino Remoto.

Para esta pergunta, os profissionais deram as seguintes respostas:

Acho que foi um período que foi bem difícil, eu acho que a educação física por ela ser praticamente muito prática com as crianças, a gente se via assim num período muito difícil de se imaginar como que ia dar uma aula prática sendo que eu tô aqui e a criança tá lá? Eu acho que foi bem difícil, desde o começo até a gente começar a encaixar o que que eu ia trabalhar, como que eu ia trabalhar? Foi um momento bem difícil da gente conseguir pensar numa coisa que fosse bacana fazer, tivesse em casa e com o material disponível, a gente foi conseguindo entrar no ritmo, mas no começo mesmo foi bem difícil a gente pensar em tudo, em pensar no conteúdo e em conciliar espaço, conciliar material e conciliar a quantidade de crianças, depois a gente foi pegando o ritmo, não ficou fácil, ainda era complicado a questão da distância, mas no começo acho que foi bem pior. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Foi um período difícil, como a gente trabalha na evolução da criança, na questão de... não perfeição, mas tentar executar, na questão de movimentos, da melhor maneira possível, pra não ter nenhuma lesão né, sempre tendo cuidado... foi um momento difícil porque na minha clientela em questão, da escola onde eu trabalho a comunicação foi muito difícil, porque tudo foi por meio de apostilas, muitas coisas a gente tinha que fazer algum descritivo até porque a gente não teve muito retorno de imagens. Então assim, foi um período muito difícil por não ter esse retorno que a gente tinha, a expectativa, mas a preocupação sempre de trazer um momento mais lúdico, executar movimentos não tão elaborados porque a gente não saberia como que eles iam estar realizando. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Esse período foi um período de muita aprendizagem, mas no começo foi bem assustador porquê a gente vinha do presencial e de repente caiu nessa fase do remoto, e daí veio o uso de tecnologias e também a procura por atividades que a gente pudesse colocar pros alunos de forma que todos pudessem participar mais, na verdade a gente que tinha que criar as atividades porquê não tinha um meio que mostrasse o caminho de como fazer, então assim foi uma aprendizagem do zero e foi bem desafiador. Acho que de todo esse tempo que eu trabalho com a educação física foi o momento mais desafiador que eu passei na minha vida, mas como eu disse de muito aprendizado e eu acho que serviu pra gente saber o quanto a gente consegue desenvolver o trabalho, o quanto que tudo aquilo que a gente aprendeu lá atrás, já tinha de bagagem, conseguiu colocar ali em ação e ver o quanto que foi produtivo. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

A partir desta pergunta foi possível desmembrar outros assuntos como a questão da implementação da BNCC que ocorreu no mesmo ano que iniciou a pandemia, trazendo consigo uma mudança de perspectiva quando enfatiza o trabalho por competências e na estrutura dos conteúdos. Além disso, essa experiência retratou uma situação inédita, que obrigou os professores a se adaptarem a preparar atividades dentro da proposta curricular, mas, pensadas para um ambiente totalmente distinto do escolar, o domiciliar. A partir desta relação é que foram realizadas também as avaliações.

De acordo com Pereira *et. al.* (1997).

O papel da avaliação decorre das próprias metas educacionais estabelecidas para a proposta. Assim a avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e a ampliação de seus conhecimentos. [...] Neste sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação tem uma importância social e política crucial no fazer educativo. E essa importância está presente em todas as atitudes e estratégias avaliativas que adotamos. (PEREIRA *et al.*, 1997, p. 94).

Neste sentido, outra preocupação que acompanhou os professores foi a questão das 'devolutivas'. As devolutivas eram a única forma de comprovar que a criança estava, de fato, realizando as atividades e também a única maneira de estabelecer contato para elaborar um ponto de vista avaliativo, sendo este mais um aspecto que ficou desassistido durante o ERE, como presente nas seguintes falas de Mulher Maravilha, Homem de Ferro e Superman, respectivamente:

porque a gente não sabia realmente se era a criança... as vezes uma mãe mandava algum áudio, alguma coisa... ah! eu gostei da atividade, daí depois de um tempo que a gente começou a criar um critério de eles escreverem, porque lá a realidade é diferente que as famílias não

tinham celular, não tinha internet, então foi bem complicado... daí a gente usou um critério de avaliação da própria atividade, o que foi difícil, o que você gostou mais, então foi essa maneira que a gente encontrou. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

[...] o retorno era bem baixo. No início a gente começou ali com as atividades impressas com retorno, aí a gente não tinha retorno e resolveu tirar esse retorno impresso. Aí, a gente resolveu deixar com o retorno por *whatsapp*, e pelo *whatsapp* mesmo assim o retorno era sempre daquelas mesmas crianças, tem crianças assim que você não viu nesse período de ensino remoto, você não viu o período inteiro, porque era sempre os mesmos que mandavam, que os pais eram mais presentes, mas a porcentagem era muito baixa. [...] Não, não tinha como você avaliar, como você ver... porque a gente [...] não tinha retorno nenhum. Eles até entravam em contato com os pais, as vezes mesmo a atividade da professora (regente) os pais demoravam pra retornar, não era só a nossa, então a gente não conseguia nem avaliar, você não sabia nem como a criança estava, o que fazia, [...] as vezes o pai levava um mês pra trazer, um mês pra retirar, então não era só com a gente... que a gente não conseguia ter essa avaliação, esse retorno. (Trechos da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

No primeiro momento a gente trabalhou com material impresso, a gente fazia as atividades e a pedagoga dava um visto daí a gente mandava, e pra ter o *feedback* que eles tinham realizado a atividade, a gente não tinha material pra dizer assim 'eles fizeram a atividade', então a gente fazia um pequeno questionário, acho que duas ou três questões pra eles responderem, qual atividade mais gostou, qual sentiu mais dificuldade, aí depois disso a gente passou pro *whatsapp*, e também junto já com o *meet*.³³ (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Aos professores foi perguntado também sobre que importância os mesmos atribuíam às suas aulas durante esse período de ERE, e eles responderam:

[...] a preocupação maior que eu tinha foi de tirar eles do sofá, da cama, tentar que eles se movimentassem, que eles gostassem de fazer algum movimento, pra evitar que ficassem parados, esse foi uma preocupação bem grande, então sempre a gente estava procurando... trocava ideia, porque a gente as vezes ficava meio truncado... ai, ninguém me retornou com essa atividade então me deu uma ideia e a gente ia caçando informações 'pra ver o que mais que eles poderiam se interessar, teve atividades que eu troquei ideia e falava com o próprio Superman, ele falava assim 'ah, e ai como é que foi aquela atividade?' Ah! Pra mim deu 'super certo' eles participaram. A gente mandava muito material, desde tampinha pra elaborar [...] piãozinho

³³ O *Google Meet* é um aplicativo desenvolvido pelo Google com foco na realização das videoconferências. Logo, **ele permite a realização de reuniões a distância**, superando as barreiras geográficas." Disponível em: <https://www.remessaonline.com.br/blog/google-meet/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

pra eles manusearem, fiz um taquinho de golfe com tampinha e com palito de sorvete, então a gente também investiu na questão de materiais pra mandar, pra tentar incentivar pra eles realizarem as atividades. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Nesse período eu consegui observar, até mesmo, o andamento das minhas aulas no presencial. Quando a gente tá distante do aluno, passando pra ele através de vídeo, explicação via áudio, e depois na resposta do aluno e da família trazendo um vídeo pra gente do aluno realizando a atividade a gente vê também alguns atos falhos, alguma coisa que ficou ali pra trás seja de coordenação, alguma coisa relacionada à educação física que talvez no presencial tenha deixado pra trás. Eu acredito que deu pra fazer até uma comparação que a gente deixou de trabalhar ou que a gente trabalhou muito rápido e também da gente conseguir ver depois nessa análise ali, o que a gente podia melhorar e o que a gente teria que voltar um pouquinho para trás e fazer de uma forma diferente, fazer um comparativo. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Eu acredito que a educação física nesse momento foi importante pra... pra questão do movimento, que querendo ou não a criança acabava se movimentando, nem que fosse nesse momento da educação física ela tinha um momento de movimento. Durante o dia podia não fazer nenhum movimento, mas naquele momento mesmo que pouco ali ela tinha a questão do lúdico também, já que ela não tinha contato com nenhuma outra criança, né, nenhuma outra atividade externa, era um momento assim de movimento e de ludicidade [...]. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Superman ainda acrescenta:

Eu acho importante, porque era aquele momento que eles tinham pra se socializar de uma forma diferente, eles recebiam as aulas dos professores, mas educação física vinha como aquele momento pra eles descontraírem e até mesmo poder interagir com pai, com mãe, muitos com os avós também, tinha muita participação dos avós, então eu acho muito importante. Naquele momento a família ali se uniu pra fazer a atividade, e de uma forma geral, até o pessoal do convívio da casa, o pessoal demorava um pouquinho pra realizar a atividade fazia no outro dia, porque naquele dia ia ter alguém pra auxiliar então eu acho que uniu muito a família na realização das atividades [...]. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Com todas essas peculiaridades citadas pelos professores, é difícil pensar que este período não tenha impactado a vida das crianças dos pontos de vista social, afetivo e motor. Sobre esta questão, os professores comentaram:

Eu acho que influenciou bastante nas habilidades motoras, acho que a gente vinha de um trabalho no caso com as turmas maiores, e a gente já estava desenvolvendo um trabalho, e até com essa turma que a gente já estava desenvolvendo um trabalho acho que houve um

retrocesso. Eu acho que ficou parece uma lacuna ali, sabe? E simples atividades de chute, de caminhar sobre a linha, direita e esquerda, essas coisas... então tudo isso parece que ficou um pouco pra trás, depois quando houve o retorno eu tive muita dificuldade pra deixar a turma de uma forma que todo mundo conseguisse acompanhar as atividades. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

[...] nossa a gente teve que resgatar muito, o toque, teve crianças que vieram meio não querendo muito contato, e outras nossa, até hoje, o ano inteiro tem crianças que vem no colo, quer ficar junto, que precisa mesmo dessa afetividade, e a questão motora é fato que eles aprenderam daquela maneira dentro de casa e eles achavam que era daquela maneira mesmo, então a gente tem que intervir pra dizer não, olha tem esse jeitinho, até na maneira de virar uma cambalhota, não tinham uma direção, achavam que estavam fazendo certo, ah! Mas eu fazia isso em casa assim, então a gente vai ajeitar agora na escola, então a gente teve que moldar muita coisa, porque eles achavam que estavam fazendo certo e ainda bem ninguém teve nenhum problema, mas foi desafiador. Está sendo. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

[...]a questão do movimento realmente deles a gente vê um atraso, se vê criança assim, que você vê assim que não consegue nem pular na educação infantil, tenta ali dar um pulinho, não consegue. Então a gente vê assim que a parte motora deles foi bem prejudicada, até pela questão igual você comentou, tinha criança que ficava muito ali atrelada a questão de internet, celular, esquecendo um pouco desse movimento, do brincar. [...]. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Homem de Ferro acrescenta que no caso dos seus alunos, a maioria não tinha com quem realizar as atividades:

a maioria era mais sozinho mesmo, até quando você passava uma atividade que fosse em dupla, professora não tenho ninguém pra fazer, então você esbarrava em mais um problema. A gente sempre pensava em uma atividade em dupla no mínimo né, e as vezes ah professora não consigo fazer porque é em dupla e eu tô sozinho. A maioria era individual mesmo as atividades. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Mulher Maravilha, também aponta que se deparou com uma certa **resistência à realização das atividades** ao tentar estimular uma interação entre os membros das famílias, mas destaca também que, em alguns casos, a proposta era bem aceita, proporcionando inclusive diversão entre irmãos:

Eu priorizei fundamentos básicos e tentando sempre encaminhar atividades que eles não realizassem sozinhos, sempre dentro de casa, mas com os próprios familiares, pra eles saber até a questão de dividir,

de interagir com o próprio familiar ali. O começo foi muito resistente, porque estava todo mundo num estresse de ficar todo mundo dentro de casa, teve algumas famílias que estavam ainda trabalhando então estavam indo e voltando questionavam muito o tempo que não tinham, mas eu foquei mais nessa ideia da interação com os próprios familiares, então as vezes a gente recebia os vídeos dos irmãos maiores realizando com eles assim, uma diversão. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Foram vários os aspectos retratados pelos profissionais participantes do estudo em relação às **dificuldades** (distância, falta de acesso, ausência de retorno, entre outras) que acompanharam o trabalho desenvolvido por eles. Considerando a função da Educação para a faixa etária das crianças pequenas, que seria propiciar o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos, valores culturais que as crianças já têm e garantir “a ampliação dos conhecimentos, de forma a possibilitar a construção da autonomia, cooperação, criticidade, criatividade, responsabilidade, e a formação do auto-conceito positivo, contribuindo [...] para a formação da cidadania (PEREIRA *at. al.*, 1997, p. 49), decidi explorar mais o que os professores tinham a dizer sobre o momento de planejamento das aulas. E com esta finalidade, indaguei-os a respeito do que mais os influenciava no momento de escolher as atividades que seriam propostas às crianças, entendendo que mesmo partindo de um documento norteador comum (BNCC) cada instituição de ensino possuía uma realidade diferente e, isso justificaria as diferentes estratégias utilizadas para atingir os estudantes.

Os professores ressaltaram os seguintes aspectos:

[...] eu procura ver se era atrativo pra criança , se ia chamar atenção ou não porque quando a gente começou a fazer esse trabalho a gente notou que começou a ter participação e de repente a participação começou a cair, cair, cair e os índices começaram a cair muito, e aí a gente começa a refletir, de que maneira a gente pode trazer esses alunos de volta pras atividades de educação física, pro movimento porque a gente estava perdendo muito, e aí como eu fazia as atividades com a minha filha, eu tinha um parâmetro. Então eu realizava a atividade com ela em casa e eu observava nela, por exemplo assim, o retorno que ela me dava, as vezes ela dizia assim ‘ eu não gostei dessa atividade’ daí eu trocava de atividade, então eu sempre fazia duas ou três e dentre aquelas que eu planejava lá eu via qual chamou mais a atenção dela e até mesmo pra mim, porque eu realizava junto com ela e as vezes ela gravava a mim e assim a gente ia fazendo. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

A primeira questão era a facilidade e tentando pegar os fundamentos básicos, pra eles não perderem, um salto, depois que a gente foi vendo a evolução... mandei a questão de *parkour* pra eles utilizarem os objetos que tinha dentro de casa, sofá essas coisas assim né, mas foi

pela facilidade pra eles me retornarem, porque eu via assim que seu mandasse alguma coisa muito elaborada, que precisaria de muito recurso deles, mesmo dentro de casa, eles não me retornariam. Tive que aprender muita coisa musical que eles se interessavam, eu tenho algumas barreiras em questão de dança, de 'musiquinhas' assim, então tentei ir pra esse lado assim, da facilidade e do que eu achava importante deles aprenderem, de conhecimento, mandava os materiais pra eles terem a vivência. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Então primeiro a gente sentava ali, discutia a questão de o que eu conseguia fazer num espaço interno pra aquelas crianças que não tem um espaço externo, então tinha que ser um espaço interno que tivesse o mínimo de material possível ou pudesse ser adaptado e também pela questão de quantidade, a gente sempre tentava focar no mínimo possível de participantes, pelo menos dois, que tinha atividade que a gente não consegue fazer com um só então a gente se atentava nesses critérios, o que eu consigo fazer dentro do espaço fechado, com materiais que eu tenho em casa ou consigo adaptar e em relação a quantidade de alunos então a gente sempre tentava focar nisso. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Sobre o **planejamento**, Homem de Ferro e Superman ainda acrescentam as seguintes observações:

Acho que foi meio difícil identificar o que elas tiveram maior interesse, mas eu acredito que aquela atividade que, por exemplo, ia bexiga, a gente mandava bexiga pra eles pra não ter aquela situação 'ah, mas eu não tenho bexiga em casa', então atividades que a gente mandava, por exemplo, o vôlei com bexiga, era uma atividade que a gente tinha bastante retorno. Eu lembro assim que quando era ginástica, a gente confeccionou lá a fitinha, que a gente mandou material, também teve um retorno maior, então as vezes parece quando a gente vai lembrando que aquelas atividades que você acabava mandando alguma coisa o retorno era maior, porque assim 'ai, eu não tenho em casa a fita e o palito então não vou fazer', e quando você acabava encaminhando aparecia um retorno maior[...]. Na verdade, a questão do nível, eu sempre deixei um nível sempre abaixo, porque como ele tá longe eu não vou conseguir corrigir o que tá errado, então sempre eu deixei um nível mais baixo [...]. (Trechos da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Era atrativo quando era uma brincadeira ou uma atividade que não exigia muito material, e nem que era tão complexa assim, por exemplo, fazer um circuito com inúmeros obstáculos dificultava pra eles pq eles tinham que ficar procurando material e isso não estimulava muito eles. Então atividades que eles gostavam mais era com bexiga, com sacola plástica, porque a gente daí, já pensando no aluno que não ia ter bexiga, já pensava numa sacola plástica, então sempre ia alternando para que todo mundo tivesse a oportunidade de fazer. Eu acho que as atividades mais simples, até mesmo as de competição assim, eram as que mais chamavam a atenção, atividades mais complexas que você

tinha que colocar muitos materiais ou fazer uma atividade colando e recortando geralmente era baixa a participação. (Trechos da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Neste sentido, foi possível constatar que atividades simples e cujos materiais eram facilmente encontrados em casa ou fornecidos pela própria escola, tinham uma adesão maior por parte das crianças e das famílias.

Pelo que contam os professores, estas foram as dinâmicas e estratégias utilizadas durante todo o ano de 2020 e seguiu até agosto de 2021, quando foi instituída a proposta de ensino híbrido, momento em que os pais puderam optar por:

- i) Mandar seus filhos para a escola, semana sim, semana não. Na semana que não iam para a escola os estudantes deveriam acompanhar as aulas pelas reuniões online na plataforma *Google Meet* (era feito um revezamento entre os estudantes de uma mesma turma, para garantir o distanciamento de 1,5m entre as crianças dentro e fora de sala de aula, não ultrapassando a quantidade máxima de pessoas recomendada pela vigilância sanitária, conforme tamanho do ambiente);
- ii) Permanecer no modelo de ensino totalmente remoto, no qual as crianças deveriam acompanhar as aulas pelas reuniões online na plataforma *Google Meet*, quando fosse possível ter acesso a internet, ou exclusivamente pelas apostilas (material impresso, produzido pelas professoras quinzenalmente, que deveria ser retirado pelas famílias nas escolas, e devolvido posteriormente).

Sobre este modelo híbrido e os '*meets*', Superman comenta que:

Quando foi o *Meet*, a gente não conseguia trabalhar muito bem com eles a questão da prática ali, de estar todo mundo conectado, a gente não conseguia trabalhar muito bem a prática ali. Já no *whatsapp* todo mundo conseguiu ver o melhor caminho, porque a gente conseguia explicar a atividade, demonstrar a atividade, a gente já mandava na sequência áudios também [...] outras formas de realizar a atividade, e as dúvidas que eles tinham, eles chamavam a gente. A gente fazia uma atividade diferenciada também, como já houve casos de o pai que não conseguir realizar com a criança e aí mandava um áudio se tinha uma outra forma de realizar com outro material, a gente gravava um outro videozinho para que eles pudessem realizar. Então eu acho que aí a gente conseguiu ter um diálogo melhor com a família, com as crianças, eles interagiram bem com o *whatsapp*. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Esta fala de Superman, demonstra que mesmo quando as crianças tinham acesso à tecnologia, nem sempre o trabalho era efetivo, pois as próprias questões tecnológicas que até certo ponto favoreciam esse contato, não eram capazes de fornecer um ambiente favorável à aprendizagem de maneira coletiva a ponto que os momentos de interação assíncronos (vídeos enviados pelo *WhatsApp*) eram mais pertinentes e tinham maior adesão por parte das famílias do que os momentos síncronos (aulas telepresenciais via *Google Meet*).

Contudo, uma vantagem a ser observada é que com esse retorno de, ao menos, parte dos estudantes, os professores conseguiram analisar outros aspectos do desenvolvimento das crianças que antes, com a distância física, não eram possíveis de ser notados. Aspectos estes que se estenderam também para o ano de 2022, quando todos os estudantes retornaram ao modelo de ensino presencial.

Ao fazer a análise desta retomada do contato presencial entre pares, Superman e Homem de Ferro apontam que houve sensível diferença no comportamento e, inclusive, um aumento no número de conflitos entre os estudantes no retorno **pós Ensino Remoto:**

Então acho que foi um período bem conturbado, [...], e quando eles voltaram também acho que a socialização, se socializar entre eles mesmos, acho que houve muito conflito, a gente reparou que na escola houve muito conflito, pequenos conflitos entre eles, porque voltavam de um período aí grande de afastamento, quando voltaram [...] algumas coisas já tinham deixado pra trás, então até voltar ao ritmo da escola... (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Eu acredito assim, do que eu tenho visto, [...] a questão comportamental veio totalmente diferente, as crianças estão bem mais agitadas, demora muito mais pra você ter um controle [...]. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Já para Mulher Maravilha, no aspecto comportamental dos estudantes, a realidade foi bem distinta, referindo-se, especificamente, ao ano de 2022:

esse ano até pra mim foi fantástico, porque eu tive poucos casos de agressões, de problemas de interação, porque eu acho que eles tão precisando mais um do outro. Então os conflitos nossos, vindo de outros anos antes da pandemia eu achei que esse ano foi fantástico, não tive muito confronto, que eu acho que eles viram a necessidade da interação deles, do companheirismo, o quanto o outro fez falta. Desde uma atividade simples até num bate papo que a gente faz, eu faço roda de conversa e daí eles contam principalmente na segunda

feira, que eles contam o que fizeram no final de semana dai eles querem interagir, dai um fala ah você fez isso eu também fui lá, ah a gente não se encontrou, sabe, então você vê que eles precisam dessa interação mesmo que fez falta. [...]. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Para os professores, não só o comportamento das crianças foi afetado. Em relação à defasagem motora, vários pontos merecem ser destacados.

Homem de Ferro aponta que “o atraso motor realmente foi bem impactante [...], principalmente na Educação Infantil” (HOMEM DE FERRO, 2022), afirmando que de todas as turmas que atendeu no pós-ERE, as crianças do Infantil 4 e 5 foram as que mais apresentavam um nível de desenvolvimento motor insatisfatório.

A essa aparente lacuna deixada pela pandemia no acervo motor das crianças, pudemos atribuir o uso excessivo de equipamentos tecnológicos e, genericamente, à falta de acesso aos CMEI's, que funcionaram de maneira completamente remota durante todo o período de pandemia. Superman também menciona ter tido essa percepção ao retornar para o presencial:

Acho que quando a gente voltou, aí a gente teve a noção verdadeira do quanto a gente precisava trabalhar, voltar um pouquinho pra trás, pra poder retomar alguns conteúdos, retomar algumas atividades que ficaram, que a gente conseguiu notar naquele período que ficou, naquela lacuna assim. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Ainda falando sobre a aprendizagem, pude perceber que por mais que tenham existido variados desafios durante a pandemia, o exaustivo trabalho desenvolvido pelos professores teve sim sua contribuição, como demonstrado na fala de Mulher Maravilha e Homem de Ferro.

[...] tem criança que quando eu dei aula um ano antes estava em processo, aí você vê que com aquelas atividades que eu estava propondo eles deram um salto assim, então acho que isso faz a gente continuar. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Eu acredito que aquelas crianças que acompanhavam acabam se sobressaindo das outras, só que nessas os pais são mais presentes e acabam sendo mais participativas do que aquelas outras crianças. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Porém diferente do demonstrado nesses trechos, dentro da realidade contextual da Mulher Maravilha e Homem de Ferro onde houve uma evolução das

crianças do ponto de vista motor, Superman apresenta uma visão diferente deste período, expressada com base no cenário que presenciou:

[...] Então nesse período a gente não conseguiu evoluir muito, embora a gente se esforçasse ao máximo, a gente não conseguia passar daquilo, a gente oferecia o máximo que podia, [...] na escola, no presencial a gente consegue ir muito mais além. [...], eu acho que a gente conseguiu fazer o que dava pra fazer naquele momento, e a gente conseguiu não regredir tanto, não deixar que isso fosse um prejuízo muito maior do que já foi. (Trechos da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Foi possível observar que a contribuição da família é fundamental na vida escolar dos estudantes, independentemente do modelo de ensino vigente, pois, especialmente neste contexto de ERE, a organização e as condições familiares influenciaram muito na participação dos estudantes.

Eu vi que as crianças gostavam de participar das atividades, só que naquele momento elas dependiam também da família, então a gente sabe que todo mundo trabalha, as vezes alguns estavam em casa e outros não. O uso da tecnologia, a internet, ainda é um divisor porque, em alguns lugares pega, uns não tem, outros não pega bem, mas eu via que eles participavam; eles interagiam, mas tudo no tempo deles [...]. A família tinha que se adaptar [...]. Eu tinha família que, às vezes, 23h00 era o horário em que eles conseguiam gravar porque os pais chegavam do trabalho perto desse horário e a criança ficava com os avós, e aí as crianças de pijama lá estavam gravando a atividade. Você via que eles queriam fazer, só que a gente entende que a família também tinha ali a sua logística, não podia estar o tempo inteiro gravando e filmando as atividades, mas eu acho que foi produtivo pra eles. Claro que a participação ainda ficou muito além do que a gente gostaria que fosse [...]. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

No que se refere à tecnologia do ponto de vista dos professores, Mulher Maravilha e Homem de Ferro deram destaque também para algumas **barreiras pessoais**, que podem ter sido uma realidade compartilhada por outros profissionais também:

[...] a questão do manuseio não foi complicada pra mim... Eu tenho um problema pessoal na questão da autoimagem, então gravar vídeo de falar, pra mim, é um problema pessoal, mas pra eles a gente faz acontecer tudo... [...] que no dia a dia é diferente de você enfrentar uma câmera e você enfrentar 30 alunos, mas eu ainda prefiro os 30 comigo do que um aparelho na minha frente. (Trechos da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Acho que no começo foi um pouco difícil assim, 'ah, eu prefiro não gravar o vídeo, vou mandar de outra forma' [...]. No começo, a gente estava relutando pra não fazer vídeo, mas depois a gente viu que é uma coisa tão simples, [...] que não era um 'bicho de sete cabeças' [...] a gente já estava fazendo tanta coisa, então pensamos: vamos fazer e tá tudo certo. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Nessa situação, muitos profissionais buscavam vídeos prontos na internet para disponibilizar para as crianças. Homem de Ferro fala sobre a **importância dos vídeos gravados pelo professor**:

Eu acredito que foi melhor, porque a criança acaba tendo um contato maior com o professor [...]. Tinha vezes, que a gente acabava achando vídeos da internet, atividades, e passava, mas não era o mesmo contato que você ver o professor fazendo a atividade e passando, então acredito que pra criança foi mais interessante, que tinha o contato mesmo, que foi realmente o professor que fez. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Sobre esta questão da tecnologia, Superman salienta:

[...] eu não tive dificuldade, assim, pra gravar, pra me adaptar ali, acho que o mais era cansativo porque todo dia tinha vídeo pra gravar. [...] como eu tenho uma menina de 9 anos, que na época tinha 7, 8, às vezes ela queria gravar e às vezes ela não queria, e às vezes precisava da esposa também pra me ajudar, pra me gravar, pra fazer, porque as vezes em alguns momentos ela não queria gravar. Também [...] sempre tinha que pensar no ambiente que eu estava gravando, eu gravava na minha sala, e esse ambiente tinha que sempre estar da mesma forma, eu tinha que pensar que o que vai aparecer também pode influenciar na hora que eles forem fazer a atividade. Geralmente eu fazia atividade no mesmo lugar e no mesmo ângulo, raramente eu mudava de ângulo na filmagem pra que eles [...] não perdessem o foco ali. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Este trecho atesta o quanto a rotina imposta pelo ERE tornou-se exaustiva para os profissionais da educação, para as crianças e para as famílias, nos dando uma pequena dimensão da quantidade de indivíduos que foram afetados direta ou indiretamente por toda essa alteração na sistematização do ensino, ainda que a mesma tenha ocorrido de maneira emergencial. Por mais que todos os profissionais participantes desta entrevista tenham caracterizado esse período como um momento conturbado, houve **pontos positivos** que impactaram o trabalho realizado durante, e após o ERE.

Acho que em matéria de afetividade as famílias conseguiram se unir mais, no sentido dessa realização das atividades juntos, como eu via os avós participando junto, eu achava incrível porque num momento desse que a família vai estar junto ali, [...] poder brincar com a avó com o avô e tal, essa afetividade eu achei que foi uma coisa assim em questão que pegou bastante, que fortaleceu bastante [...]. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

O que a pandemia trouxe de bom é a questão da mídia, usar os recursos que a gente tem. Algumas coisas a gente pode não saber demonstrar, mas se você buscar um videozinho curto e mostrar... eu acho que a gente consegue ampliar a questão de mostrar, essa questão que eu falei de abrir a cabeça pra conhecer os outros esportes, os próprios esportes de aventura, tem muita coisa que a gente não consegue nem demonstrar [...]. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Acredito que a gente vê que tem possibilidade de tanta coisa, as vezes a gente fica tão preso ao de sempre, você tem tanta coisa diferente pra fazer, acabou abrindo mais o horizonte, as possibilidades, e a gente foi forçado abrir esse leque, o ERE acabou abrindo mais a minha mente. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

E para finalizar a conversa, os professores foram convidados a resumir este período com apenas uma palavra, explicando o porque de terem escolhido a mesma

Eu acho que pra mim foi determinação, eu tive que aprender também muita coisa, ver o que que seria melhor, e o que seria atrativo pra eles, [...] do que fazer, por onde começar, e pra tentar buscar o interesse deles, pra me dar o retorno. O interesse não só da criança, da família também, pra executar tudo que estava sendo pedido [...]. (Trecho da fala de MULHER MARAVILHA, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Acho que aprendizado, porque foi uma época assim que no começo assustou muito a gente, parecia tudo tão impossível e depois a gente foi vendo que não, a gente conseguia dar a volta por cima, conseguia trabalhar uma atividade, em casa, com pouco material, com material adaptado, então foi realmente um aprendizado, porque no começo foi uma bomba pra gente. Como fazer isso on-line? Como fazer a distância? E no fim a gente viu que deu certo, claro que não na mesma dimensão que a gente faz na escola, mas no fim deu certo... alguma coisa a gente conseguiu passar pras crianças. (Trecho da fala de HOMEM DE FERRO, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

Acho que pra mim esse foi um momento de muito aprendizado, embora tenha sido um momento muito triste. Acho que todo mundo perdeu algum conhecido, eu perdi muitos amigos e amigas, foi um momento muito triste, mas de muito aprendizado porque acho que nesse momento eu me tornei um profissional melhor, porque acho que tudo aquilo que eu vivi lá me deu a possibilidade de desenvolver atividades que talvez antes eu não pensasse que poderia desenvolver.

Então hoje eu acho que isso trouxe pra mim um grande aprendizado, com certeza me tornou um profissional melhor, eu consigo enxergar até a própria Educação Física assim, com outros olhos e ver o quanto a gente é capaz de fazer, quanto a gente é capaz de adaptar, de solucionar problemas, de resolver as coisas e trazer pros alunos uma aprendizagem produtiva. (Trecho da fala de SUPERMAN, em entrevista realizada em dezembro, 2022).

O fato da palavra aprendizado ter aparecido neste último questionamento durante a entrevista, corrobora com o que diz Pereira *et.al.* (1997), visto que não se pode afirmar que apenas as crianças crescem, se desenvolvem e aprendem. “Todos constroem conhecimentos e, nesse processo, têm dúvidas e dificuldades, fazem progressos e reestruturam suas formas de ação buscando alcançar os objetivos traçados” (PEREIRA, *et. al.*, 1997, p. 95).

A este contexto todo, com o mérito de continuar a desenvolver a nossa prática, podemos seguir como modelo de reflexão o com os aspectos avaliativos propostos por Pereira *et. al.* (1997, p. 95):

QUADRO 6 – Aspectos avaliativos a serem considerados na esfera educacional

A CRIANÇA	<ul style="list-style-type: none"> • Seu desenvolvimento • Seus conhecimentos
A PROFESSORA OU PROFESSOR	<ul style="list-style-type: none"> • Suas dificuldades
A EQUIPE PEDAGÓGICA	<ul style="list-style-type: none"> • Seus progressos • Suas dúvidas
A PRÉ-ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Sua estrutura • Seu funcionamento

Fonte: a autora, 2023, adaptado de Pereira *et. al.* (1997, p. 95).

Por fim, com o intuito de realizar um copilado de informações e de facilitar a visualização e análise dos pontos levantados pelos participantes das entrevistas, elaborei o QUADRO 7.

QUADRO 7- Agrupamento de respostas obtidas através das entrevistas realizadas com os profissionais formados em Educação Física.

Pontos focais	<i>HOMEM DE FERRO</i>	<i>MULHER MARAVILHA</i>	<i>SUPERMAN</i>
Como enxergou o período de Ensino Remoto enquanto professor de Educação Física?	<ul style="list-style-type: none"> • Difícil; • Educação Física: aula prática à distância; • Pensar em conteúdo, espaço, material e quantidade de crianças 	<ul style="list-style-type: none"> • Difícil; • Comunicação dificultada – não tinha como fazer correções dos movimentos; • Pouco retorno das atividades; • Movimentos mais lúdicos e simples. 	<ul style="list-style-type: none"> • Assustador; • Aprendizagem; • Criar as atividades sem saber o jeito certo. • Desafiador; • Bagagem de conhecimentos ajudou.
Qual a importância, segundo eles, das suas aulas durante o Ensino Remoto?	<ul style="list-style-type: none"> • Momento de movimento e ludicidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tirar do sofá, da cama, se movimentar • Promover atividades interessantes; • Confeccionar materiais “brinquedos” 	<ul style="list-style-type: none"> • Observar defasagens; • Realizar um comparativo com o período anterior; • Socialização e interação com familiares.
Na hora do planejamento, o que mais influenciava na escolha das atividades? Quais eram as suas estratégias?	<ul style="list-style-type: none"> • O que era possível fazer em um espaço interno; • O que dava pra fazer com o material que tinha em casa; • Atividades que não precisassem de muitos participantes; • Envio de materiais, 	<ul style="list-style-type: none"> • Facilidade de execução; • Priorização dos fundamentos básicos do desenvolvimento motor; • Trabalho com música (mais atrativo). • Atividades em dupla para que a criança interagisse com alguém da família. 	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção de atividades atrativas; • Gravava atividades junto com a filha e utilizava a satisfação dela como parâmetro dentre 2 ou 3 atividades diferentes, para escolher qual mandar para as crianças.

	<p>geravam mais retorno;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vídeos gravados pelo professor para ter um contato mais próximo com as crianças; • As atividades tinham que ser individuais, pois os estudantes não tinham com quem brincar. • Nível de dificuldade mais baixo, pela impossibilidade de corrigir. 		
Impactos do Ensino Remoto no pós pandemia, na perspectiva da Educação Física	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças mais agitadas; • Habilidades motoras fragilizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas crianças ainda evitam contato; • Algumas crianças demonstram carência afetiva; • Padrões motores deficientes 	<ul style="list-style-type: none"> • Habilidades motoras fragilizadas; • Retrocesso. • Aumento da agressividade e conflitos entre os estudantes.
Outros pontos negativos do Ensino Remoto	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças do Infantil 4 e 5 foram as que mais apresentaram defasagem motora, devido aos CMEI's terem funcionado de forma totalmente remota durante a pandemia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Famílias não tinham tempo no início. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de acesso à internet; • Logística das famílias.

Pontos positivos do Ensino Remoto	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças que acompanharam as aulas se destacavam das demais. (família mais presente); • Ensino Remoto abriu horizontes para novas possibilidades de intervenções educacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição dos confrontos entre os estudantes; • Busca por interação; • Utilização das mídias sociais como suporte para as aulas no ambiente escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> • União das famílias (crianças praticando as atividades com os pais, irmãos, avós, etc.).
Barreiras pessoais	<ul style="list-style-type: none"> • No início, ter que gravar os vídeos para disponibilizar para as crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho com música e dança. • Ter que gravar os vídeos para disponibilizar para as crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dependência e disposição da filha ou esposa para gravar os vídeos.
Critérios avaliativos	<ul style="list-style-type: none"> • Não tinha como avaliar 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual atividade mais gostou. 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário contendo perguntas sobre qual atividade mais gostou e qual teve mais dificuldade (quando utilizavam material impresso) • Vídeos mandados pelo <i>whatsapp</i> • Avaliava pela participação nos <i>meets</i>
Ensino Remoto em uma palavra	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizado 	<ul style="list-style-type: none"> • Determinação 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizado

Fonte: a autora, 2023.

Discursando sobre esse processo, não só nesse contexto, mas em todas os formatos e modelos de Educação que eu conheço, trago para a reflexão uma assertiva de Luckesi (2013):

[...] nem o educando nem o educador são ‘seres dados prontos’. Todos estamos a caminho, em construção. Todos os dias o educador está se constituindo, como educador, assim como o educando está se constituindo como educando. São seres em processo. Ambos estão na direção de constituir-se como seres autônomos e independentes, vivendo na interdependência com os todos os outros[...]. (LUCKESI, 2013, p. 39 *in* d’ÁVILA *at.al.*, 2013).

Tampouco podemos abordar qualquer perspectiva acerca do educador, sem que tenhamos presente na reflexão, o educando. Assim, como agentes humanos relacionais no processo de ensino e aprendizagem, tanto o educador, quanto o educando “são seres humanos, configurados pelo mesmo conjunto de múltiplas determinações, que vão desde as heranças genéticas, passando pelas relações socioculturais e chegando as experiências sutis do sagrado espiritual.” (LUCKESI, 2013, p. 38 *apud* d’ÁVILA *at.al.*, 2013).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos de Educação e especificamente de Ensino, é necessário considerar dois atores, o professor e a criança/estudante, entendendo que ambos assumem entre si uma relação de cooperação mútua que permeia o cotidiano da sala de aula ou da vida escolar.

Em meio a esse processo de ensino-aprendizagem muitas são as técnicas de Ensino aplicadas e conhecidas, que perpassam pelas tradicionais aulas expositivas e chegam, nos dias de hoje, às mídias digitais.

Mesmo para aqueles a quem podemos classificar como imigrantes digitais, diante de todo o contexto de ERE presente nos relatos dos professores, pode observar o quão provocativo e desconcertante foi este momento, principalmente porque o despreparo evidente não prescindiu de algo planejado, pelo contrário, foi instaurado de forma abrupta.

Ao comparar os relatos dos professores formados em Pedagogia em relação aos professores formados em Educação Física pude identificar várias semelhanças, a ponto que, mesmo direcionando o olhar exclusivamente para as intervenções relacionadas às aulas de Educação Física, a formação acadêmica nesta área do conhecimento, ao meu ver, não foi um diferencial significativo no sentido de promover algum tipo de vantagem pedagógica quanto às adaptações curriculares e metodológicas necessárias para o período, pois ambos dispunham dos mesmos recursos, enfrentavam desafios semelhantes e seguiam as mesmas orientações.

Segundo ambos os grupos de professores as atividades eram prioritariamente práticas, porém ora ou outra eram propostas de forma descritiva ou no formato de desenho, conforme a realidade de cada clientela escolar, com o intuito de atender as formalidades, em caráter de registro comprobatório, utilizando-as como forma de ter certeza que o estudante estava executando o que era proposto.

Dentre as maneiras de disponibilização das atividades, os professores destacaram o material impresso e áudio ou vídeo por meio de um grupo criado com os pais utilizando-se do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, maneiras estas também escolhidas conforme as condições socioeconômicas das famílias atendidas pela instituição de ensino.

Como principais dificuldades, os professores apontaram: i) a falta de acesso à tecnologia por parte das crianças, pois muitas famílias não dispunham de sinal de internet; ii) o sistema educacional que exigia devolutivas das atividades, pois

frequentemente não obtinham retorno dos estudantes e eles precisavam de alguma forma manter o vínculo entre a criança e o ambiente escolar; iii) a necessidade de adaptar atividades que normalmente eram feitas de forma coletiva para serem realizadas individualmente.

Além disso, as principais angústias como a falta de contato com as crianças, a frustração pelo pouco retorno das devolutivas e a constante necessidade de adaptação de atividades, pela ausência de materiais e de um ambiente adequado demonstra o quanto os professores também foram afetados do ponto de vista psicológico.

Como estratégias, os professores apontaram que davam preferência para atividades de caráter mais lúdico e simples, enviando poucas atividades por aula, envolvendo o uso de música, estimulando a participação da família e não obrigando a criança a participar ou fazer atividades à revelia. Também se percebe que os professores utilizavam adereços na hora de gravar os vídeos para chamar a atenção e trocavam ideias entre colegas, atestando o quanto os mesmos estavam preocupados em fazer esse modelo de ensino dar certo.

Neste sentido, ser professor e dar aula de Educação Física para crianças pequenas durante a pandemia exigiu, dentre tantas outras atribuições inerentes à profissão, algumas habilidades específicas como criatividade, comunicabilidade, construção de materiais; e improvisação, e, apesar de todos os percalços, um ponto positivo relacionado à evolução profissional esteve presente no relato de alguns deles.

As palavras recorrentes e mencionadas por eles mesmos, foram “difícil”, “assustador”, “desafiador”, pois uma aula que era quase que totalmente prática tinha que agora ser realizada à distância. Era preciso criar as atividades sem saber o modo certo, pensar em conteúdo a ser mediado por uma tela, espaço adequado, material disponível e a quantidade de crianças envolvida em cada sessão online, em movimentos mais lúdicos e simples, tendo que contar com a ajuda da ‘bagagem’ de conhecimentos que cada um possuía naquela situação.

Neste contexto pandêmico a Educação Física foi percebida como um momento de ludicidade por meio de movimento(s), por isso era importante promover atividades interessantes ou até mesmo a confecção de um brinquedo, com o objetivo de, literalmente, tirar as crianças do sofá e de repente conseguir promover uma interação com os familiares, além de tentar observar defasagens mais gritantes que pudessem ser supridas com as atividades físicas.

Por isso, na hora de planejar, os professores precisaram pensar em algo que fosse possível de fazer em um espaço interno, com o material que tinha em casa, que não necessitasse de muitos participantes, que fosse fácil, tentando priorizar os fundamentos básicos do desenvolvimento motor.

Muitos deles enfrentaram muito mais do que um modelo de ensino diferente, tiveram que passar por cima de barreiras pessoais como a própria dificuldade em se colocar em frente a uma câmera ou depender da ajuda de terceiros para poder gravar seus vídeos e elaborar seus materiais.

Ainda assim, por mais que se esforçassem, muitas famílias não tinham tempo para acompanhar seus filhos e/ou não tinham sequer acesso à internet.

Ao retornar para a escola, no modelo híbrido, percebeu-se que as crianças, especialmente as de 4 e 5 anos tinham certa dificuldade com as tarefas motoras, talvez pelo fato de os CMEI's terem funcionado de maneira completamente remota no ano anterior, ou seja, elas não tiveram essa vivência motora variada.

Muitas crianças retornaram mais agitadas e até agressivas, com habilidades motoras fragilizadas, algumas ainda evitando contato. Já outras chegaram com uma carência afetiva, buscavam por interação e até se apresentavam mais calmas.

Foi percebido também que aqueles que, de certa forma, conseguiram acompanhar as aulas virtuais durante o Ensino Remoto se destacavam dos demais, muito provavelmente porque tinham uma família mais presente.

Outro ponto falho foi a avaliação. Segundo os professores – participantes da pesquisa –, em algumas situações não era possível avaliar, ainda assim eles criaram algumas alternativas como “qual atividade mais gostou” ou pediam para as crianças enviarem vídeos pelo modo *WhatsApp*. No modelo híbrido de ensino tentavam se basear pela participação de seus alunos nos *meets*.

Pela fala dos professores foi possível evidenciar também que o ERE teve alguns destaques positivos, como uma maior união das famílias. No âmbito escolar, o ERE abriu horizontes, principalmente com relação a utilização das mídias sociais, tanto que “aprendizado” e “determinação” foram as palavras majoritariamente escolhidas por eles para representar este período.

Em síntese, acredito que este período de ERE trouxe grandes consequências para a Educação, principalmente para a Educação Física e para as crianças pequenas. Salienta-se, dentre elas, uma visível defasagem no âmbito do desenvolvimento de habilidades motoras e no desenvolvimento socioafetivo que, talvez, nunca sejam recuperados.

Uma proposta interessante de estudo, como desdobramento da presente investigação, seria analisar este período pandêmico do ponto de vista das crianças, para assim investigar uma outra perspectiva, que traduziria melhor o 'outro lado da história'.

Voltando-me aos professores, vislumbro esse período como uma mistura de caos e aprendizado, sendo possível perceber uma incessante busca por novas alternativas, na tentativa de encontrar um novo caminho, mas sem perder de vista o seu real propósito: ensinar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Larissa Walter Tavares; VIOL, Giovanna Cristina Gomes de Melo. O ensino por disparadores e resolução de problemas: os benefícios para a formação do estudante do ensino médio. **CONEDU EDUCAÇÃO**. 2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2022/GT01/63da6b970104f_01_022023103935.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. Ascom SE/UNA-SUS. Março, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declarapandemia-de%20coronavirus#:~:text=Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20declara%20pandemia%20do%20novo%20Coronav%C3%ADrus,-Mudan%C3%A7a%20de%20classifica%C3%A7%C3%A3o&text=Tedros%20Adhanom%2C%20diretor%20geral%20da,Sars%2DCov%2D2>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 13 abr. 2022.

BURMAN, Erica. **Desconstruindo a psicologia do desenvolvimento**. Trad. MATTOS, A. Londres: Routledge, 2008.

CAMARGO, Gisele Brandelero; GARANHANI, Marynelma Camargo. O corpo criança na travessia da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, 2022.

CAMARGO, Gisele Brandalero; GARANHANI, Marynelma Camargo. O corpo da criança e o corpo do adulto em pesquisas com crianças. **SciELO Preprints**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4475> . Acesso em: 10 nov. 2022.

CAMPO LARGO. Lei nº 2028/2008 que DISPÕE SOBRE O PLANO DE CARGOS, CARREIRA E REMUNERAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO DO MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/campo-largo/lei-ordinaria/2008/202/2028/lei-ordinaria-n-2028-2008-dispoe-sobre-o-plano-de-cargos-carreira-e-remuneracao-dos-profissionais-do-magisterio-do-municipio-de-campo-largo>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CAMPOS, Marcos Vinícius Simões; MAGRIN, Natália Papacidero; CINTRA, Marina Melo; MOREIRA, Wagner Wey. Uma fenomenologia do corpo. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 45, 2º sem. de 2017, pp. 95-99.

CANCHERINI, Ângela. A escuta sensível como possibilidade metodológica. **Anais IV SIPEQ** – ISBN - 978-85-98623-04-7. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/49.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. 2022. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> . Acesso em: 20 nov. 2022.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013 – (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

CHARLOT, B. **Educação ou barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. Trad. Sonia Pina. São Paulo: Cortez, 2020.

CHAVES, E.O.C. Distance Teaching and Technology-Mediated Learning: A Brief Discussion. In: **Encyclopaedia of Philosophy of Education** - ICECE, agosto 1999.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COZER, Carla Roberta Rodrigues; JAKIMIU, Vanessa Campos de Lara. As interações e brincadeiras como eixos formativos da educação infantil: implicações na prática pedagógica. **ANAIS do XV Encontro Científico Pedagógico e XII Simpósio da Educação: TRABALHO E EDUCAÇÃO**. De 20 a 24 de maio de 2019, p. 89-98.

D'ÁVILA, Cristina Maria; CHARLOT, Bernard; LUCKESI, Cipriano; LIBÂNEO, José Carlos; SONNEVILE, Jacques Julles; RABELO, Roberto Sanches; MAHEU, Eric; GOMES, Daniela Vasconcelos; LEITE, Disalda Teixeira. **Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo**. Cristina Maria d'Ávila (org.). Editora CRV, 2ª ed., Curitiba – PR, 2013.

DIAS, J.; BHERING, E. A interação adulto/crianças em grupos de idades mistas na educação infantil. **Da investigação às práticas** - estudos de natureza educacional, v. 6, n. 1, 2005.

Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/o-que-sao-os-campos-de-experiencia-da-bncc>. Acesso em: 20 mar. 2022.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; TAVARES, Dirce Encarnación; GODOY, Ermínia Prado (orgs). **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

MOREIRA, Wagner Wey; CAMPOS, Marcos Vinicius Simões. Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, vol. 22, núm. 79, pp. 131-139, 2017. Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/279/27956721011/html/index.html> . Acesso em: 16 jul. 2022.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. Infância e velhice: desafios da multiculturalidade. In: GUSMÃO, Neusa M. M. de. (org.). **Infância e velhice: pesquisa de ideias**. Campinas. SP: Alínea, 2003. p. 15-32.

HARARI, Y. N. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós coronavírus**. Tradução: Odorico Leal. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HOLLY, M. L. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In.: (org.). In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, p. 79 – 110, 2007.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. L. Aprender o impalpável: sobre o ensino do Yoga. In: GOLÇALVES, J. C; GARANHANI, M. C.; GONÇALVES, M. B (org). **Linguagem, corpo e estética na Educação**. 1. ed. - São Paulo: Hucitec, 2020.

LILLARD, Paula Polk. **Método Montessori: uma introdução para pais e professores**. Trad. Sonia Augusto. Barueri: Manole, 2017.

LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; SILVA, Cristiane Brandão da; LORETTO, Elgion Lucio da Silva. Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma Breve Revisão. **Acta Scientiae**, v.20, n.2, mar./abr. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327924688_Metodologias_Ativas_de_Aprendizagem_Uma_Breve_Revisao/link/5cc8e75e92851c8d221035e7/download. Acesso em: 20 nov. 2022.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2º ed. Rio de Janeiro: E. P. U., 2022.

MELLO, A.; DIAS, C.; BADARÓ, C.; MORAIS, G.; COSTA, G.; ROCHA, K.; REZENDE, V. **As multifacetadas da infância: um olhar interpretativo de uma turma de pedagogia**. 2013. Disponível em: <http://petpedagogia.ufba.br/infancia>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MERLEAU- PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1992.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, [S. l.], v. 20, n. 26, 2020.

MOREIRA, Wagner Wey; CAMPOS, Marcos Vinicius Simões. Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, vol. 22, núm. 79, pp. 131-139, 2017. Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/279/27956721011/html/index.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MOSSI, Cristian Poletti. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo? **Revista Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. spe, p. 1541-1552, dezembro de 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022015001001541&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 set. 2022.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da educação**, Parnaíba, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448/414>. Acesso em: 10 abr. 2022.

NASCIMENTO, Claudia Terra; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Olhar do Professor**. Ponta Grossa- PR, 2011. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

NÓVOA, António; HUBERMAN, Michael; GOODSON, Ivo F.; HOLLY, Mary Louise; MOITA, Maria da Conceição; GONÇALVES, José Alberto M.; FONTOURA, Maria Madalena; BEN-PERETZ, Miriam. **Vidas de professores**. Org. António Nóvoa. Porto Editora. 2ª ed. 2013.

ODININO, Juliane Di Paula Queiroz. A brincadeira deve estar para o conhecimento, assim como a infância deve estar para o currículo escolar? jogos culturais em políticas educacionais para a infância. In: SCHLINDWEIN, LUCIANE MARIA; LATERMAN, ILANA; PETERS, LEILA (org). **A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola**. Formação de professores. Florianópolis, 2017.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física. **Pensar a prática**, v. 11, n. 3, p. 303-303, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/4344>. Acesso em: 20 set. 2022.

PARANÁ. INSTRUÇÃO NORMATIVA CONJUNTA Nº 06/2019 – DEDUC/DPGE. Disponível em : https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-12/instrucao_062019_deducdpge.pdf. Acesso em: 08 mar. 2022.

PAULA, Déborah Helenise Lemes de. Parkour na Educação Infantil: Uma proposta de organização da prática educativa. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 8-21, mar. 2021.

PAVIANI, Neide Maria Soldatelli. Corpo, linguagem e educação. **DO CORPO: Ciências e Artes**, Caxias do Sul, v. 1, n. 1, jul./dez. 2011.

PEREIRA, Ana Beatriz Carvalho; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; ASSIS, Regina. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. Sonia Kramer (org.). **Série Educação em Ação**. Editora Ática. 10ª ed. São Paulo – SP.1997.

REGO, Teresa Cristina; BRUNO, Lucia Emilia Nuevo Barreto. Entrevista com Bernard Charlot: Desafios da educação na contemporaneidade - reflexões de um pesquisador. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n. especial, p. 147-161, 2010.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v.16, 2021.

SANTOS, A. V.; NICARETA, S.E. **O abasileiramento infantil**: livros didáticos e currículo da escola primária no estado novo. 2008. Disponível em: https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad_pesq6/8_o_abasileiramento_cp6.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTOS, B.S. **A cruel pedagogia do vírus**. Almedina, 2020.

SPREA, Nelio; GARANHANI, Marynelma Camargo. Culturas infantis e suas relações de interdependência com a cultura escolar. **Contrapontos** (Online), v. 14, p. 111-126, 2014.

SOUZA, Marcos de. **O real conceito de nativos e imigrantes digitais nas redes sociais digitais: conceitos, vivências e comportamento**. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes – RJ, agosto, 2013.177 f. Disponível em : http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/dissertacaomarcosdesouza_030920191534.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arq. bras. psicol.** [online]. 2019, vol.71, n.2, pp. 51-67. ISSN 1809-5267. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S18095267201900020000. Acesso em: 13 ago. 2022.

TARGANSKI, Francis. **Brinquedos não estruturados no desenvolvimento infantil**. 2021. Disponível em: <https://www.madeiramaestra.com/blogs/maestra/brinquedos-nao-estruturados-desenvolvimento-infantil#:~:text=Brinquedos%20Estruturados%3A%20possuem%20fun%C3%A7%C3%A3o%20definida,definida%20enquanto%20objeto%20de%20brincar>. Acesso em: 10 set. 2022.

TONIETTO, Marcos Rafael; GARANHANI, Marynelma Camargo. A cultura infantil e a relação com os saberes da Educação Física na Escola. **Movimento**, v. 23, p. 517-528, 2017.

VANZUITA, Alexandre. **Os impactos da escolha, formação inicial e inserção profissional na construção de identidade(s) profissional(s) em educação física.** Curitiba: CRV, 2021.

VIEIRA, Graziella Pereira. A teoria psicogenética de Henri Wallon. UEG – Câmpus Inhumas: junho de 2014.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. In: Sociedade e Estado, v. 25, p. 205-224, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200004#:~:text=O%20conceito%20de%20gera%C3%A7%C3%B5es%20vem,ou%20como%20categoria%20pouco%20teorizada. Acesso em: 02 mai. 2022.

ZOBOLI, F.; SILVA, R. I.; CORREA, E. S. **O corpo enquanto objeto de estudo da Educação Física:** Breves apontamentos. Scientia Plena, v.9, n.7, 2013.

ANEXO I



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO LARGO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Campo Largo, 03 de junho de 2022.

AUTORIZAÇÃO

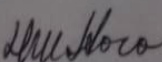
Informamos que **Táisa Helena Jochinsein**, aluna do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, está autorizada a realizar a pesquisa intitulada: **Corpo criança no ensino remoto: o que falam professores que atuam com Educação Física na Educação Infantil da Rede de Ensino Municipal de Campo Largo**, orientada pela Dr^a Marynelma Camargo Garanhani.

Os profissionais selecionados para a pesquisa serão 6, pertencentes ao quadro de Analista de Esportes e ao quadro de Professor, que manifestaram interesse na participação da pesquisa por livre e espontânea vontade e possuem o perfil profissional condizente com o interesse do estudo.

A intenção é realizar uma roda de conversa, buscando verificar quais foram as estratégias utilizadas pelos professores para contemplar o **corpo criança** através das aulas de educação durante o ensino remoto, utilizando como suporte recursos de áudio e vídeo por meios digitais (on-line), que servirão como material de análise de pesquisa.

Estes profissionais também serão orientados quanto aos procedimentos utilizados na pesquisa e assinarão o "Termo de consentimento livre esclarecido", o qual poderá ser autorizado ou recusado.

Atenciosamente


Dorotéa Stoco

Secretária Municipal de Educação

ANEXO II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA – LINGUAGEM, CORPO E
ESTÉTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____
RG _____, abaixo assinado, estando devidamente esclarecido sobre os
objetos e procedimentos da pesquisa intitulada “*Corpo criança no Ensino Remoto: o que
falam professores que atuam com Educação Física na Educação Infantil da Rede de
Ensino Municipal de Campo Largo*”, realizada pela pesquisadora Taísa Helena Jochinsein,
do
Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR, concordo em participar da pesquisa, sob
a condição de preservação da minha identidade, tanto na coleta dos dados como no tratamento
e divulgação dos mesmos.

Campo Largo, ___/___/_____.

Nome Completo e Assinatura

